



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

MARIA DE LURDES AZEVEDO RAFAEL

Pedir fome a quem tem pão

Contributo para a leção da Unidade Letiva 3 - A Partilha do Pão - do 6º ano do 2º Ciclo do Ensino Básico, do programa de Educação Moral e Religiosa Católica

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof. Doutora Maria Isabel Pereira Varanda**

Braga
2018

“A cultura do bem-estar, que nos leva a pensar em nós mesmos, torna-nos insensíveis aos gritos dos outros, faz-nos viver como se fôssemos bolas de sabão: estas são bonitas mas não são nada, são pura ilusão do fútil, do provisório. Esta cultura do bem-estar leva á indiferença a respeito dos outros; antes, à globalização da indiferença. Neste mundo da globalização caímos na globalização da indiferença. Habitamo-nos ao sofrimento do outro, não nos diz respeito, não nos interessa, não é responsabilidade nossa!”¹

Papa Francisco

¹ Papa Francisco, *Proteger a Criação - Reflexões sobre o Estado do Mundo* (Braga: Nascente, 2016), 90.

AGRADECIMENTOS

Ao único Mestre, Deus, que todos os dias me norteia.

*Aos meus pais, Ana e Fernando, por todos os momentos que partilhei e
por aqueles que não pude partilhar.*

Aos professores que comigo partilharam e orientaram nesta última etapa:

Professora Doutora Isabel Varanda e Professor Gastão Veloso.

*À Universidade Católica, especificamente à Faculdade de Teologia,
que me acolheu.*

*Aos amigos e a todos os novos conhecimentos travados nesta etapa,
que de uma forma especial viveram comigo esta aventura.*

O meu sincero OBRIGADA.

RESUMO

Pedir fome a quem tem pão é um estudo que propõe lançar um olhar sobre a importância do pão ao longo dos tempos para a humanidade, para depois demonstrar também a sua ligação com a religião cristã, e a sua utilização espiritual pelas primeiras comunidades cristãs.

Feita essa abordagem, prepara-se a unidade letiva “A Partilha do Pão”, do programa de Educação Moral Religiosa Católica do 6º ano do Ensino Básico, para posteriormente ser leccionada a uma turma da escola Dr. Francisco Sanches.

No fundo, o presente Relatório pretende despertar a pessoa da indiferença que hoje prevalece no mundo e transformá-la em atitude de partilha de si e do que se tem, para com os outros.

PALAVRAS-CHAVE: Pão; Alimento; Eucaristia; Responsabilização; Indiferença; Partilha.

ABSTRACT

Ask for hunger for those who have bread is a study that proposes to take a look at the importance of bread over time for mankind and then to demonstrate its connection with the Christian religion and its spiritual use by the early Christian communities.

With this approach, the "Bread Sharing" Teaching Unit of the Catholic Moral and Religious Education program of the 6th grade of Basic Education is prepared and later taught to a class of Dr. Francisco Sanches school.

Basically, this Report aims to awaken the person of the indifference that prevails in the world today and turn it into an attitude of sharing oneself and what he/she has with others.

Keywords; Bread, Food, Eucharist, Responsibility, Indifference, Sharing.

1.2. Caracterização da turma do 6º 5.....	50
2. Planificação da Unidade Letiva 3 – A Partilha do Pão.....	51
2.1. Aula 1 – Apresentação e introdução da unidade lectiva: A Partilha do Pão	51
2.2. Aula 2 – Significado simbólico-religioso dos alimentos	55
2.3. Aula 3 – A fome e a injusta distribuição de bens.....	58
2.4. Aula 4 – Solidariedade precisa-se	61
2.5. Aula 5 – Ser pão para os outros	66
2.6. Aula 6 – Avaliação.....	70
3. Análise do Processo Ensino-Aprendizagem.....	74
4. Atividade “Cuidar da Vida”	77
CONCLUSÃO.....	82
BIBLIOGRAFIA	86
ANEXOS.....	89

INTRODUÇÃO

Pedir fome a quem tem pão. Este foi o mote que suscitou o desejo de reflectir sobre este tema. Mas esta fome não é apenas de pão, mas sim de um profundo desejo do outro, isto porque, “ampliando o nosso espaço interior, transforma-se numa forma singular de hospitalidade, que permite o acolhimento de si próprio e do outros, na sua mais genuína originalidade e verdade”².

Considerado um dos assuntos mais fracturantes dos nossos dias, a partilha transforma-se assim numa urgente sensibilidade a construir na humanidade em geral, e nas escolas em particular. Deste modo percebemos a necessidade de educar os nossos alunos para a “partilha do pão” como futuros percussores deste valor primordial na indispensável (re)construção da humanidade.

Assim com o objectivo de formar a consciência de se tornar “pão para os outros” e ter “fome de partilha”, o presente Relatório propõe um itinerário onde se procura apresentar algum referencial teórico que sustenta a prática pedagógica da Unidade Letiva 3 – “A Partilha do Pão”, do 6.º ano, do 2.º Ciclo do Ensino Básico, do programa de Educação Moral e Religiosa Católica.

No primeiro capítulo, intitulado “O Pão como bem de primeira necessidade”, propomo-nos apresentar uma perspectiva histórica acerca da importância do pão como alimento. Revisitamos o Egipto, Israel, a Antiguidade Clássica, a Idade Média e a Era da Industrialização. Por sua vez, procuramos reflectir sobre a sacralidade do pão, onde damos particular ênfase à ação celebrativa da Eucaristia, e finalmente apresentamos o exemplo das comunidades cristãs primitivas baseando-nos no texto dos Act 2,42-47.

No segundo capítulo, a reflexão centra-se no Magistério da Igreja e na sua especial atenção à *fome de partilha*. Assim, depois de abordarmos os princípios universais propostos

² Carlos Maria Antunes, *Só o pobre se faz pão* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2013), 7.

pela Igreja (Princípio do Bem Comum, Princípio da Solidariedade e Princípio da Subsidiariedade), dedicamos algum espaço à caridade como dever da Igreja. A questão que une o referencial teórico com a prática pedagógica é lançada e colmata assim o segundo capítulo – Será que precisamos de uma solidariedade universal?

No último capítulo dedicamo-nos à planificação da lecionação da Unidade Letiva 3, “A Partilha do Pão”, do 6.º ano do 2.º Ciclo do Ensino Básico, do programa de EMRC. Depois de se caracterizar o Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, a escola, e a turma com quem se trabalhou, apresentam-se as planificações das aulas e a análise do processo ensino-aprendizagem. Finalmente surge a atividade “Cuidar da Vida”, dinamizada pelos núcleos de estágio do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, realizada no dia 30 de abril de 2018.

Na elaboração deste Relatório segue-se a metodologia da norma Chicago 16ª e obedece-se ao Acordo Ortográfico de 1990, em vigor desde 2006.

CAPÍTULO I – O PÃO COMO BEM DE PRIMEIRA NECESSIDADE

Sem pão não se pode viver, e desvelando... De todas as plantas cultivadas pelo Homem, os cereais ocupam um lugar de destaque, sendo que o trigo, o centeio, o milho, a cevada e a aveia, são considerados os mais importantes no fabrico do pão.³

Atualmente, a moagem está longe de ser um processo simples, pois a eletricidade e a tecnologia vieram substituir o vento, e outras energias naturais em tempos usadas na moagem dos cereais.⁴

Os tipos de pão que hoje nos são apresentados vão desde a simples carcaça ao pão doce, da deliciosa e estaladiça baguete ao pão com fibras, benéfico para a saúde.⁵

Queremos com este capítulo, mostrar a importância do pão enquanto alimento e como bem de primeira necessidade, e o que mais tem contribuído para a subsistência do ser humano. Pretende-se mostrar, em termos históricos, a importância do pão em algumas civilizações e períodos marcados por este alimento. Segue-se o simbolismo, sacralidade e abrangência que o pão teve nestes domínios, conduzindo ao realce do pão eucarístico (alimento espiritual) presente apenas no cristianismo, que posteriormente se remete para o significado do Pão como partilha à luz do exemplo das comunidades cristãs primitivas (Act 2,42-47).

Ao longo da história, os nossos hábitos alimentares têm vindo a modificar-se, e não retirando o seu lugar e importância na nossa alimentação, aquele que outrora “matava” a fome, hoje é questionado se contribui para a obesidade aludindo a meras questões estéticas.⁶

De acordo com o Dicionário Houaiss, a palavra “pão” tem a sua origem no vocábulo latino *panis*, referindo-se ao “alimento feito com farinha, especialmente de trigo, amassada

³ Cf. Associação Portuguesa da Indústria de Moagem e Massas, *O ABC do Pão* (Porto, APIM), 24-25.

⁴ Cf. *Ibid.*, 26.

⁵ Cf. *Ibid.*, 38.

⁶ Cf. *Ibid.*, 36.

com água e fermento e assada ao forno.”⁷ Podemos, além disso, entender, o pão, em sentido figurado, como “o sustento diário; meios de subsistência” ou “alimento essencial, fundamental”. Em liturgia, trata-se de “a hóstia consagrada”⁸, onde o pão para os cristãos assume ainda um carácter simbólico, o pão eucarístico.

O pão que, em tempos e, ainda hoje é habitualmente deixado em casa, num saco colocado para o efeito logo pela manhã; o pão que faz as delícias do pequeno almoço e que de forma sobeja e equilibrada também fica disponível para consumo noutros momentos do dia; o pão que outrora era confeccionado em casa, passou a ser vendido em ruas e lojas. O consumo de pão passou a ser de tal forma generalizado que logo se tornou na base da alimentação dos povos, contudo nem sempre apreciado em todas as culturas, como é o caso que mencionou a colega de curso, a Irmã Irene do Quênia que aquando de uma conversa revela a sua depreciação quanto ao pão e ao seu consumo, assumida como facto cultural.

1. O Pão: perspetiva histórica

“A sua história é da nossa existência e sobrevivência, do engenho e da arte que soubemos aplicar para transformar grãos secos e duros num produto de excelência, saboroso e nutritivo, com alma.”⁹

O nascimento do pão associa-se ao nascimento da civilização, na medida em que a produção intencional dos cereais que o podem constituir teve início no momento em que o homem se decidiu sedentarizar. Contudo “ainda antes do advento da agricultura, os cereais fizeram parte da alimentação do Homem, consumidos no seu estado selvagem e natural.”¹⁰

Há cerca de dez mil anos, pelo Neolítico, no que que à cultura dos cereais se referia deu-se uma revolução (trigo e centeio), compreendendo os ciclos naturais da germinação das gramíneas, o Homem começou a domesticar algumas variedades de cereais para utilizar

⁷ Antônio Houssais, “Pão,” in *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, editado por Antônio Houssais e Mauro de Salles Villar (Lisboa: Temas e Debates, 2003), 6063.

⁸ Cf. *Ibid.*, 6063.

⁹ Paulo Moreiras, *Pão&Vinho - mil e uma histórias de comer e beber*, (Alfragide: Pub. D. Quixote, 2014), 9.

¹⁰ *Ibid.*, 9.

regularmente na sua alimentação. Assim, nasceu a agricultura e a subjacente sedentarização e naturalmente os primeiros aglomerados populacionais.¹¹

O livro *6000 anos de pão* de Heinrich Eduard Jacob remete-nos para a profunda historicidade do pão, uma espécie de revisitação da história cultural que contém a documentação e os resultados da investigação histórica - económica, política, literária, etnográfica - num grande quadro vivo. Estando nele presente: “a humanidade compreendida à luz do pão que ela cultiva, produz e come ou deseja - é a sequência e o imbrincamento dos discursos múltiplos que dão expressão aos conflitos, aos horrores, às misérias, mas também aos triunfos, às glórias e às alegrias que com ele e por causa dele foram vividas.”¹²

Da Pré-história até ao colapso do III Reich, passando designadamente pelo Egipto, pela Grécia, pelo Império Romano, pela Idade Média, pelas Guerras dos Camponeses, pela colonização do continente americano, pela Revolução Francesa, pela Revolução Industrial, pela Revolução Soviética e pelas duas Guerras Mundiais do século XX, H. E. Jacob produz um impressionante retrato das mutações tecnológicas e culturais, políticas e sociais, económicas e psicológicas, em que o pão esteve envolvido como personagem viva da história. O Pão constitui um último patamar da nutrição do corpo, o grau primário, mais singelo e indeclinável da sobrevivência orgânica. Diz-se “a pão e água” quando se quer significar os elementos básicos, simultaneamente primeiros e últimos, do sustento de um organismo que plana sobre a fronteira entre mundos, sobre a linha da falência e da morte.¹³

1.1. Egipto

De acordo com o ciclo anual de vida do pão, os egípcios colhiam praticamente apenas os “frutos do trigo”. Da colheita traziam pequenos molhos de espigas para a eira. Separados e limpos os grãos “uma pequena porção era consagrada ao espírito protetor da região, outra era

¹¹ Cf. *Ibid.*, 10.

¹² Heinrich Eduard Jacob, *6000 anos de pão*, (Lisboa: Antígona, 2003), 10.

¹³ Cf. Bruno Santos, “O Pão,” *Aventar*, 28 de novembro de 2017, acessado a 22 de março de 2018, <https://aventar.eu/2017/11/28/o-pao/>.

levada aos senhores da propriedade, para que atestassem a qualidade da colheita. Fazia-se uma festa em honra a Min, deus da agricultura.”¹⁴ E como nos refere Heinrich Jacob, assim se refletia o ritmo do ano para o trabalhador do campo:

“Não haverá para nós descanso,
Carregando o pão e a branca espelta?
Os silos já estão tão cheios
Que transbordam por cima.
E os barcos vão tao carregados
Que lhes rebentam as tábuas, e afundam...”¹⁵

A sua sobrevivência era paga em contribuições e pelo trabalho forçado. O “fisco” traduzia-se na “contagem” resultante da colheita.¹⁶

É assim que nos aparece o Antigo Egipto como “uma grande empresa agrária, como ‘a maior propriedade fundiária da história’”¹⁷, onde o conjunto de população enchia os cofres de economia privada, e esses mesmos se esvaziavam a favor do mesmo conjunto populacional, verificando-se contudo uma grande assimetria, sendo que quem fornecia a maior quantidade de colheita eram os pobres e os servos da terra, e uma parte considerável da colheita ficava nas mãos dos “grandes do país”, como governadores das províncias e outros amigos do Faraó.¹⁸

A dependência dos súbditos egípcios em relação ao seu soberano, começava desde logo pelo facto deste lhes “conceder a vida”. Era de tal forma evidente a constatação deste facto que ninguém se sentia moralmente oprimido pelo trabalho forçado que estavam sujeitos. Aqui a liberdade ainda não tinha sido descoberta, contudo a ausência de liberdade pessoal libertava os indivíduos das preocupações relativas à sobrevivência alimentar.¹⁹

“O Egipto era uma `dádiva do Nilo`, pois era o Nilo que oferecia o chão do qual tudo nascia, do qual nasciam também as artes e as

¹⁴ Jacob, *6000 anos de pão*, 61.

¹⁵ *Ibid.*, 61.

¹⁶ *Ibid.*, 61.

¹⁷ *Ibid.*, 62.

¹⁸ Cf. *Ibid.*, 62

¹⁹ Cf. *Ibid.*, 62.

faculdades humanas. E conseqüentemente, um dia, o Nilo deu também aos Egípcios a arte de fazer pão, uma arte que muito cedo os colocou em posição mais elevada do que daqueles outros povos do Mundo Antigo que com cereais apenas faziam papas ou bolos não levedados.”²⁰

Aludindo à capacidade de diferenciação deste povo egípcio que “faz tudo diferentemente dos restantes mortais”²¹ refere-nos a obra *6000 Anos de Pão* que segundo Heródoto, os egípcios pelo diferente modo no uso da farinha chegaram à fermentação. “Enquanto todos os outros povos temiam o apodrecimento dos alimentos, os Egípcios dispunham a massa obtida a partir da farinha de modo a obrigá-la a entrar num processo à primeira vista semelhante ao apodrecimento. E punham-se a observar esse processo com particular agrado...Era nem mais nem menos do que a fermentação.”²²

Inventaram também o forno de cozedura, sob a forma cilíndrica, com tijolos de lama do Nilo, fechado em cone no topo, ainda à semelhança de muitos fornos ainda existentes.²³

O fermento que se reproduzia a si mesmo passou a ser guardado nos lares egípcios com aquele cuidado que outros povos punham na conservação do fogo. Porque a valiosa matéria prima da cozedura, o fermento que “fazia crescer” o pão, não podia faltar.²⁴

A fermentação é o segredo do pão. O pão levedado foi inventado no Egipto, onde foi descoberta a fermentação. O pão fermentado com massa velha fica com um sabor e aroma característicos, às vezes com um ligeiro travo ácido ou avinagrado.

Em Portugal, ainda se produz muito "pão de massa velha". Como sendo o "pão alentejano" e ainda muitas "broas minhotas" que disso são exemplos. Nas grandes superfícies comerciais e nas casas de produtos naturais (ditos saudáveis), ainda se encontra pão de "massa velha" ou fermento natural.²⁵

²⁰ Ibid., 64.

²¹ Ibid., 65.

²² Ibid., 65.

²³ Cf. Ibid., 66.

²⁴ Cf. Ibid., 66.

²⁵ Cf. Ibid., 66.

Contudo, notamos que mudou toda a referência do que era o pão de outrora: “Farinha, água, sal e fermento tinham-se confundido no meio de uma dança comandada pelo fogo.”²⁶

O forno do pão foi de facto o primeiro “forno de experimentação química” do mundo, sendo também o primeiro forno de práticas mágicas. Forno cujo seu “aspeto era o do ventre de uma mulher grávida, onde dele nascia o pão, que é comparado ao próprio Homem.”²⁷

Os Egípcios eram conhecidos como os “comedores de pão”, o pão para eles era o alimento principal da refeição e não um acompanhamento.²⁸ Mais o pão era considerado uma unidade de cultura, uma unidade de medida segundo a qual se organizava a contagem. A quantidade de pães significava a riqueza e os fornos espalhados pelo país eram comparados às oficinas de produção de moedas. A farinha tornou-se meio de pagamento. Assim como o pão era equivalente a dinheiro.²⁹

1.2. *Israel*

O conhecimento do pão pelo povo de Israel deu-se pelo contacto que tiveram com os egípcios. Dá-se o encontro entre os pastores hebreus e os camponeses egípcios, sendo que os primeiros “agora transformados em ‘camponeses de ocasião’, não podiam deixar de sentir espanto perante um povo que passava o dia todo ocupado com tudo o que dizia respeito à confecção do pão.”³⁰ Assim o pão que aprendiam a produzir não era invenção sua e o facto de se tornarem sedentários, permitiu-lhes adotar estes procedimentos pelo uso do forno. O melhor pão que faziam era de trigo, onde deste cereal obtinham também uma farinha especialmente peneirada, a que chamavam *kemach soleth*, a “essência da farinha”, que era usada para os sacrifícios a Javé, e também para fazer pão para os mais ricos. Enquanto que a cevada era utilizada apenas pelos mais pobres e para ração de cavalos.³¹

²⁶ Ibid., 66.

²⁷ Cf. Ibid., 67.

²⁸ Cf. Ibid., 73.

²⁹ Cf. Ibid., 74.

³⁰ Ibid., 77.

³¹ Cf. Ibid., 78.

Por sua vez, “a cidade de Jerusalém, ao contrário das cidades mais pequenas, tinha uma rua destinada aos padeiros, estando os mestres dessa profissão reunidos num bairro. O profeta Neemias fala de uma ‘torre do forno de pão’, podendo ter existido uma ‘fabrica de pão’, onde levariam a farinha para a transformar em pão para venderem nas suas lojas.”³²

Os judeus não encaravam o pão como um ser vivo, ou até como uma entidade sobrenatural, sendo depois adotada tal significação pela mentalidade cristã. Neles estava presente a sobrevivência sem o pão, até pela própria “história do maná”³³, onde pela misericórdia de Deus conseguia alimentar o povo durante quarenta anos no deserto. Contudo os judeus tinham uma tão grande nostalgia do pão, que de vez em quando queriam voltar ao Egito “casa de servidão”, o que revela também a imprescindibilidade do pão.³⁴

A clivagem entre a divindade e o fermento, quer na cultura hebraica quer na romana, detém causas consideradas *tabu*, típicas da representação do mundo dos povos primitivos: “porque Deus tinha repulsa ao fermento...Javé exigia nada mais nada menos que a pena de morte para o judeu que comesse pão ou amassasse com fermento durante a semana da Páscoa hebraica..”³⁵ Matar alguém só por quebrar um costume seria demasiado, contudo ofender um princípio, uma lei natural religiosa, e a sua violação já o justificaria. Para os judeus fermentação ou apodrecimento eram a mesma coisa, pelo que os impedia de “oferecer a Deus uma coisa podre.”³⁶

Apesar da lei religiosa não permitir aos hebreus oferecer pão fermentado a Deus, a verdade é que este era consumido pelos mesmos todo o ano, havendo um Pão sagrado e um pão profano. Os judeus quando “traziam o pão para casa proferiam a baracha, a bênção do pão: ‘Louvado sejas, Senhor nosso Deus , que fazes crescer o pão da terra...’”³⁷.

³² Ibid., 79

³³ O maná do deserto era um alimento com o qual Deus alimentava o seu povo, quando este estava no deserto, depois da fuga do Egito.

³⁴ Cf. Ibid., 79.

³⁵ Ibid., 83.

³⁶ Cf. Ibid., 84.

³⁷ Ibid., 84.

“Supõe-se que foi durante o seu cativeiro no Egito que os hebreus conheceram o uso e método de fabrico do pão, e que quando se deu o Êxodo estes levaram consigo a massa de pão, mas sem a levedar, o que foi determinante na religião. Dado tal facto o uso do pão ázimo começou a ser usado na cerimónia da Páscoa, sendo denominados “pães de aflição”, como forma de celebrar a fuga do Egito”³⁸.

1.3. Na Antiguidade Clássica

O pão também teve sua história na Grécia e em Roma. Na Grécia de acordo com a mitologia, foi Deméter, a deusa do trigo, quem transmitiu às pessoas as instruções para o fabrico do pão. Contudo, foi graças às relações comerciais que mantinham com os egípcios que lhes foi possível tornar o pão como um alimento delicioso, pelo conhecimento dado relativamente ao fermento.³⁹

O cultivo da cevada era o que predominava na Grécia, dado que os terrenos eram impróprios ao cultivo do trigo, algo que importavam da Sicília, Egito, da Trácia e de outros locais do Médio Oriente.⁴⁰

Os gregos faziam a *maza*, uma espécie de bolacha o que fazia parte essencial da sua alimentação do dia-a-dia. Já quanto ao pão de trigo era apenas acessível e consumido em dias de festa, sendo destinado às classes abastadas. Também torravam cereais que adicionavam a vários pratos.⁴¹

Nos inícios o pão era cozido em casa por mulheres e escravos, sobre pedras quentes, dentro de vasos de cerâmica ou no forno. E só surgiram os primeiros padeiros, na sua maioria antigos escravos por volta do séc. V a. C, contudo no séc. III a. C

“existem referências a um célebre padeiro de nome Thearion, que desenvolveu com brilhantismo as artes da panificação e da pastelaria e foi o responsável pela criação de uma cadeia de padarias comerciais,

³⁸ Moreiras, *Pão&Vinho*, 14.

³⁹ Cf. *Ibid.*, 14.

⁴⁰ Cf. *Ibid.*, 14.

⁴¹ Cf. *Ibid.*, 15.

provavelmente a primeira a nível mundial. A sua fama foi tanta e o seu pão tão apreciado, que Platão o menciona como um dos três homens que melhor cuidavam do corpo dos indivíduos.”⁴²

Já em Roma, o conhecimento do fabrico do pão foi dado através dos escravos gregos.

*Far*⁴³ era o nome que davam aos cereais cozidos ou amassados que consumiam inicialmente, umas papas que eram usadas para fabrico de um pão não levedado e cozido em fornos domésticos.⁴⁴

O pão era feito pela mãe, ou pelo cozinheiro da casa, sendo que algumas casas já dispunham de forno próprio. Os ricos proprietários dispunham de escravos que faziam também de padeiros.⁴⁵

Registou-se um notável desenvolvimento sobre a panificação graças à introdução de novos conhecimentos por parte dos escravos gregos, tornando-se assim o pão como um alimento símbolo e diferenciador de classes sociais, pelos ingredientes usados na sua confeção.⁴⁶ Assim, “o pão de trigo era das classes abastadas e só durante as suas campanhas militares é que os soldados romanos comiam pão não fermentado, devido à facilidade com que poderia ser confeccionado.”⁴⁷

A importância era tanta dada aos padeiros que estavam organizados em colégios e organizações com direitos conferidos e garantidos pelo Estado, sendo que até foi erguido um túmulo em homenagem a um dos célebres padeiros de nome Vergilius Eurysacês, que ainda hoje existe em Roma: “Os baixos-relevos existentes neste monumento funerário revelam todos os episódios da história do pão e da profissão de padeiro, num elogio à *ars pistorica*, a arte da panificação.”⁴⁸

⁴² Ibid., 15

⁴³ Espécie de papas de farinha cozidas com água, também conhecidas como *puls* ou *pulmentum*, a que adicionavam queijo fresco, mel, ovos, favas, lentilhas ou legumes. Cf. Ibid., 15.

⁴⁴ Cf. Ibid., 15.

⁴⁵ Cf. Ibid., 15.

⁴⁶ Cf. Ibid., 16.

⁴⁷ Ibid., 16.

⁴⁸ Ibid., 16.

Pode-se dizer que, com a expansão do Império Romano, o hábito de consumir pão foi difundido por grande parte da Europa, influenciando-a, mudando para sempre a alimentação dos seus povos.⁴⁹

Foi aquando do Império Romano que apareceu Jesus Cristo, num mundo de carência, de verdadeira fome, um mundo em que os especuladores retinham os cereais e no qual o Estado e o Imperador se serviam do pão para fins políticos sendo o alimento dado a quem apoiasse o seu poder. Foi nesse mundo que Jesus se apresentou como filho de Deus. Esse mundo atravessava outra fome, uma fome espiritual.⁵⁰

1.4. Na Idade Média

Nesta época, “os diferentes tipos de pão existentes tinham diversos ingredientes, adequando-se não só ao consumo diário, mas também distinguindo-se pela sua importância no que diz respeito ao calendário religioso.”⁵¹ A qualidade de pão variava em função do extrato social, assim como para cada profissão estava determinada uma variedade de pão.

No seio dos mosteiros e das comunidades religiosas, era destinada uma ração diária de pão a cada monge, o que também variava conforme a localidade do mosteiro.⁵²

Neste contexto, também o pão era usado em trocas comerciais, o *panis cambio*, ou para pagamento de direitos, como o *panis forestae*⁵³, ou para pagamento de impostos, *panis fiscalis*, ou o *panis feodalis*, pão com que se paga ao senhor da terra. O *panis caritatis*, para esmolas aos mais desfavorecidos, o *panis caninius*, para oferecer aos leprosos (dia de todos os santos). Ainda para o perdão dos pecados, o *panis emendationis*. Até havia um pão para alimento dos cães. De especial destaque, o pão amaldiçoado que o acusado teria de comer

⁴⁹ Cf. Ibid., 17.

⁵⁰ Cf. Jacob, *6000 anos de pão*, 149.

⁵¹ Moreiras, *Pão & Vinho*, 17.

⁵² Cf. Ibid., 17-18.

⁵³ Que se pagava pelo direito de usar a floresta de um determinado proprietário. Cf. Ibid., 18.

para provar a sua inocência, que se ficasse engasgado, assumiria prova da sua culpa, *panis conjuratus* (antiga prática anglo saxónica, designada de *corsned*).⁵⁴

No manual do 6.º ano da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica pode ler-se:

“na Idade Média, encontramos milagres semelhantes nas lendas biográficas de quase todos os santos. O aparecimento maravilhoso dos alimentos, em períodos de fome, surge ligado à sua ação solidária para com a vítimas da carestia⁵⁵. Eram, assim identificados com a ação fraterna de Jesus.”⁵⁶

1.5. A industrialização do pão

A Revolução Industrial trouxe consigo avanços tecnológicos no fabrico do pão, desde as sementeiras às colheitas, desde a moagem à cozedura, o que aumentou a produção do pão, contribuindo para a redução dos seus custos, tornando-se um bem essencial mais acessível à alimentação humana.⁵⁷ A moagem dos cereais sofreu transformações importantes, promovendo a separação da farinha do farelo, obtendo-se assim farinha com maior qualidade.

A levedura usada no pão foi outra das importantes descobertas:

“Já em 1680, o holandês Anton Van Leeuwenhoek (1632-1732) observou a levedura de cerveja ao microscópio. Mais tarde, Antoine Lavoisier (1773-1826) estudou o fenómeno da fermentação, mas seria Louis Pasteur (1822-1895), em 1860, a conseguir identificar a levedura *Sacchamoryces cerevisiae* como elemento fulcral no processo de fermentação e a interpretar a sua ação.”⁵⁸

“A alimentação é um recurso fundamental para a sobrevivência do ser humano. Desde que ocupa a terra que o homem procura a sua alimentação.

⁵⁴ Cf. *Ibid.*, 18.

⁵⁵ Significa falta de bens essenciais à sobrevivência : escassez de um produto específico. Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Estou contigo 6º ano*, (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015), 84.

⁵⁶ *Ibid.*, 84.

⁵⁷ Cf. Moreiras, *Pão&Vinho*, 18.

⁵⁸ *Ibid.*, 19.

Começou por ser caçador e, em seguida, aprendeu a cultivar a terra. A alimentação esteve no cerne dos processos de formação de identidades colectivas, no plano das civilizações, a nível social ou mesmo familiar. O exemplo da relação entre alimentação e os ritos religiosos marcou profundamente as diferentes civilizações e os seus comportamentos em relação aos diversos tipos de alimentos, e a luta contra a fome deve ter em consideração estes diferentes elementos”⁵⁹.

Esta síntese histórica da humanidade na sua relação com o pão não faria sentido sem a percepção dos símbolos que aludem ao pão assim como a sua ligação com a vida mundana ou espiritual do Homem. E nesta medida temos a análise histórica da evolução deste alimento a par da evolução da humanidade.

2. Sacralidade do pão

As simbologias atribuídas ao pão sagrado ou profano, determinam que este alimento seja figura central em várias cerimónias cronologicamente antes e depois de Cristo. O pão é considerado o símbolo do povo, do trabalho e do labor em contacto direto com a natureza. Estas realidades são apresentadas através da descrição de algumas festas em que se faz o culto do pão.

Ao longo das linhas que se seguem, pretende-se mostrar a história do culto do pão, sob uma perspectiva de filosofia da história do Homem. Dá-se valor ao património, concreto e abstrato, da cultura e da tradição popular e faz-se a apologia, pelo conhecimento, da sabedoria que o povo tem e transmite através das diferentes celebrações que dinamiza.

O pão marca uma presença quotidiana na mesa, sob diversas formas, sendo que para além de alimento fundamental também se nos depara como um alimento espiritual. Deste modo à sua relevância em termos nutricionais, corresponde um importante significado

⁵⁹ Américo Mendes et al., *As 14 obras de misericórdia* (Lisboa: Alêtheia Editores, 2009), 19.

simbólico-religioso, celebrado na Eucaristia, mas também ao nível da própria cultura popular. A veneração do pão apresenta-se em diversas festividades, através de rituais que testemunham a sua forte dimensão de sacralidade. Pelo papel que é conferido ao pão, são exemplo dessas festividades a Páscoa e as Festas em honra do Espírito Santo que assumem um carácter particular no contexto das festividades tradicionais portuguesas.

O pão é um exemplo da força simbólica que têm as coisas simples, apesar de todas as tecnologias e meios de sofisticação que nos rodeiam. O pão tornou-se um símbolo universal e extraordinário cujo significado atravessa culturas e gerações. José Tolentino de Mendonça ao referir uma passagem sua de criança em que quando caía um pão da mesa, apanhavam-no e davam-lhe um beijo mesmo que não o comessem depois, mostra-nos para além da carga simbólica que está inerente ao pão, o seu sentido sagrado.⁶⁰ Certo é que me lembro, noutros tempos dizer, que “o que não mata engorda” e assim em tempos de menos fartura, não se olhava tanto elegância quanto à necessidade de alimento.

José Tolentino Mendonça afirma, ainda, o pão como uma expressão concreta da nossa própria humanidade. Assim, “o pão não é só farinha, fermento, água e sal.”⁶¹ Deparamo-nos com o pão enquanto sinal do que é essencial à vida, de tudo aquilo que a nossa sobrevivência depende, e sem o qual não conseguiríamos existir.⁶²

O pão enquanto ícone indisputado do Cristianismo e corpo simbólico da sua doutrina, contém as características que fazem dele não um simples alimento, mas a representação da própria vida e do esforço da sua perpetuação, realidades que marcam toda a História da humanidade.⁶³

Compreendendo então que o “pão [é] um alimento tão essencial na nossa tradição alimentar, é natural que essa sua importância se traduza ao nível simbólico e se verifique de

⁶⁰ Cf. José Tolentino Mendonça, *Pai Nosso que Estais na Terra* (Lisboa: Paulinas, 2014⁹), 101.

⁶¹ *Ibid.*, 101.

⁶² Cf. *Ibid.*, 101.

⁶³ Santos, “O Pão,” *Aventar*.

forma acentuada (...). [Assim] é a sua condição de alimento essencial que torna o pão o símbolo do alimento por excelência”.⁶⁴

Quando utilizamos a expressão “ganhar o pão”, com o significado de sustento evocamos o pão para mostrar a satisfação de uma necessidade tão essencial como “o pão para a boca”⁶⁵. Sabendo que “o pão é um dos alimentos mais sacralizados e mais venerados”⁶⁶, os exemplos dessa sacralidade são diversos. Desde logo “não podemos deixar de referir o papel que o pão desempenha na Eucaristia, representando o corpo de Cristo, tratando-se neste caso de pão ázimo, o ‘símbolo da pureza’”.⁶⁷ Cristo disse: “tomai e comei, este é o meu corpo”, quando decidiu estabelecer sobre a sacralidade do grão que tombou na terra a primeira assembleia de Companheiros, precisamente aqueles que partilham o Pão – que viria a ter como desígnio a transmissão da Palavra.⁶⁸ Esta sacralidade também está patente ao longo de todo o processo de preparação do pão. Desde a moagem, que o moinho, onde o grão é transformado em farinha, é obra de Deus.

O moleiro era nas sociedades pré-industriais uma figura do grande respeito e popularidade, sendo que

“na preparação do pão, sobretudo o início da levedação e da cozedura são abençoadas com orações que diferem de região para região, mas que no essencial reproduzem um significado similar. Assim, terminada a amassadura, faz-se uma ou várias cruces na massa antes de se deixar a levedar, e reza-se uma breve oração. Na maior parte dos casos, esta oração consiste apenas numa frase curta, que apresenta, no entanto, diversas variantes.”⁶⁹

⁶⁴ Raquel Moreira, “O Pão nas Festividades Tradicionais: a Páscoa e as Festas em Honra do Espírito Santo” (Comunicação apresentada no encontro *Civiltà e Cultura del Pane nei Paesi dell’Europa Mediterranea e dell’Est*, Roma, Novembro 2001), acedido a 22 de março de 2018, [https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/3564/1/2002.03.001 .pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/3564/1/2002.03.001.pdf), 5 .

⁶⁵ Ibid., 5.

⁶⁶ Ibid., 5.

⁶⁷ Ibid., 5.

⁶⁸ Santos, “O Pão,” *Aventar*.

⁶⁹ Moreira, “O Pão nas Festividades Tradicionais”, 5-6.

Ainda a propósito desta preparação “as cruces efectuadas na massa no momento em que se rezam estas orações, podem ser em número diverso (consoante a tradição local e a quantidade da massa), sendo que esse número é sempre ímpar”⁷⁰.

Depois de benzida e convenientemente “agasalhada”, a massa fica a levedar. Terminado esse processo, tende-se o pão e coloca-se no forno. De novo, não se fecha a porta do forno e se “volta costas ao pão”, sem que se abençoe a sua cozedura. Também nesta fase os exemplos de rezas são diversos. Há orações mais simples e outras mais elaboradas. Pode dizer-se apenas “que Deus te ponha o melhor” (Fundão), ou “com Deus na frente” (Idanha), ou ainda “cresça o pão no forno, e as almas no Paraíso” (Algarve), ou proferir-se uma oração mais longa.⁷¹

Ainda uma outra dimensão inerente à sacralidade do pão é a que se expressa através do papel que este alimento assume em certas “festividades cíclicas portuguesas”.⁷² Esse papel

“é particularmente relevante durante todo o ciclo da Primavera, período crucial de renovação da natureza e de crescimento das culturas, nomeadamente os cereais. Numa sociedade em que as disponibilidades alimentares eram fortemente determinadas pelos recursos locais, como acontecia no nosso país até há bem poucas décadas atrás, deste período dependia em grande parte a subsistência alimentar do resto do ano. Por isso, ele apresenta-se recheado de rituais e celebrações alusivos à abundância, que se espera que a natureza propicie.”⁷³

Para João Leal, tanto a Páscoa, como as Festas em honra do Espírito Santo, como ainda outras celebrações que ocorrem durante este período (é o caso das celebrações associadas ao Primeiro de Maio e à Quinta-feira da Ascensão ou Dia da Espiga⁷⁴), são momentos fortemente marcados por uma vertente de dádiva e de partilha de natureza

⁷⁰ Ibid., 6.

⁷¹ Cf. Ibid., 7.

⁷² Cf. Ibid., 8.

⁷³ Ibid., 8.

⁷⁴ O dia era de tal forma sagrado e importante que em muitas regiões havia o preceito de não trabalhar para participar activamente nos festejos religiosos. A expressão "No dia da Ascensão nem os passarinhos bolem nos ninhos" é disso um reflexo.

alimentar, que o autor referido considera mesmo uma autêntica linha estruturadora do ciclo da Primavera.⁷⁵

Esta vertente de natureza alimentar é essencialmente consubstanciada através do pão. É o caso do folar da Páscoa. É também o caso do pão que se oferece e se partilha, depois de benzido (ou seja tornado sagrado). É ainda o pão que simbolicamente está presente nos raminhos que se oferecem na Quinta-feira da Ascensão, representado por uma espiga de trigo. Além disso, “as celebrações que têm lugar neste período, apresentam ainda dois tipos de aspectos em comum: a presença das flores, e um outro aspecto de natureza distinta dos anteriores, mas com eles intimamente relacionado, e que se prende com a generosidade, a dádiva e a partilha”⁷⁶. Como é o caso dos Bolos do Espírito Santo na Ilha Terceira, que me foi dado a conhecer por um colega que lá lecciona quando lhe falava no tema que trataria no meu relatório de estágio. Estes festejos são considerados os mais tradicionais dos Açores. Esta experiência origina uma profunda religiosidade e destaca sobretudo a devoção ao Divino, porque equivale ao culto da solidariedade, que melhor se adequa às convicções e carências históricas das populações dos Açores.

É de salientar contudo,

“que a abordagem que temos vindo a desenvolver assenta numa interpretação que confere ao termo pão, e ao conceito que lhe está subjacente, um sentido lacto. Assim, consideramos como fazendo parte do mesmo universo simbólico, não apenas o pão propriamente dito, mas também os bolos e as bolas que são utilizados como folares da Páscoa, e cujas massas embora diferentes entre si, como veremos adiante, são na sua essência uma massa semelhante à do pão dela se distanciando através da inclusão de diversos ingredientes, no sentido de lhes conferir um espírito festivo, opondo assim estes momentos ao quotidiano. Do referido universo fazem naturalmente parte os cereais, uma vez que constituem o principal ingrediente que entra na preparação do pão. A expressão popular de designar um campo de

⁷⁵ Cf. Ibid., 8.

⁷⁶ Ibid., 8.

trigo já crescido, por um “campo de pão”, é por si própria elucidativa do que acabamos de referir. Feita a introdução ao ciclo da Primavera e ao seu significado global, passemos em seguida à análise do papel do pão nas celebrações da Páscoa e do Espírito Santo.”⁷⁷

O pão/alimento/refeição assume ainda hoje uma importância enquanto expressão cultural que se manifesta na arte, na música, na literatura tal como é realçado no programa da disciplina de EMRC, algo que também foi trabalhado com os alunos.

Já quando nos referimos à refeição em si, esta revela-se com uma “grande espessura comunicativa, se pensarmos que ela tem virtualidades de um espelho: aí se colhem alguns códigos mais intrínsecos a uma cultura. Ela representa um precioso sistema simbólico”⁷⁸.

Assim, alcança-se um conhecimento antropológico “quando se chega a perceber a lógica e o conteúdo dos alimentos, bem como a ordem que regula a mesa (com quem se come, onde se come, a lógica dos diversos lugares e funções à mesa...)”⁷⁹.

Por sua vez, “o alimento, quando tomado à volta da mesa, ganha um carácter transcendente e sagrado. A mesa- e não só a da Eucaristia- tem uma densidade sacramental: revela uma Presença nos gestos, nas palavras, nos símbolos. Manifesta a convergência do desejo mais fundo da humanidade e de Deus: que todos sejamos irmãs e irmãos, capazes de nos reunir á volta do mesmo pão partilhado.”⁸⁰ A mesa convoca um desejo de comunhão presente em cada ser humano, que está para lá das suas crenças individuais, possuindo um forte carácter de universalidade, onde importa voltar na possibilidade de encontro.⁸¹

Deste modo, “a comensalidade coloca Jesus numa situação simbólica cheia de implicações para a revelação da Sua Identidade e missão.”⁸²

O Papa Francisco também numa das suas reflexões dá-nos um dos seus exemplos: “a minha avó, ao invés, quando eu e o meu irmão atirávamos migalhas um ao outro dizia:

⁷⁷ Ibid., 8-9.

⁷⁸ José Tolentino de Mendonça, *A Leitura Infinita - Bíblia e Interpretação* (Lisboa: Assírio & Alvim, 2008), 160.

⁷⁹ Ibid., 161.

⁸⁰ Antunes, *Só o pobre se faz pão*, 85.

⁸¹ Cf. Ibid., 85.

⁸² Mendonça, *A Leitura Infinita - Bíblia e Interpretação*, 161.

‘Meninos, não se brinca com o pão’. Hoje em dia quando ergo a Eucaristia sacerdotal escuto dentro de mim a frase da avó: também com este pão, sobretudo com este pão, não se deve brincar. Para um cristão o pão é a Eucaristia.”⁸³ Não esquecendo o outro pão, que pela obra de misericórdia recomenda dar de comer aos que têm fome.⁸⁴

A Eucaristia como celebração ou ação simbólico-celebrativa, apresenta-nos o pão eucarístico como expressão no sentido de símbolo integrante de toda a ação celebrativa.⁸⁵

Nesta reflexão sobre a Eucaristia que nos apresenta João Duque, podemos ter presente a Eucaristia na sua ligação com a sua realidade antropológica, assim como é assumida e transfigurada pelo Cristianismo. Incorre na resposta ao desafio lançado pelo teólogo Antoine Vergote posto à teologia no que concerne à melhor forma de conceber e melhor apresentar o aspeto humano, a dimensão antropológica os sacramentos e a de repensar a ligação entre a figura humana do culto e a teologia da ação crística.⁸⁶

Entende-se assim que tudo isto faz sentido enquanto “a graça divina age no próprio interior do sentido humano da Eucaristia”⁸⁷, e daí a conclusão face à natureza simbólica os “sacramentos assumem a vida e contribuem de maneira específica a instaurar uma obra de fé, como algo a ser realizado.”⁸⁸

A ação celebrativa da Eucaristia, trata-se de uma ação comunitária que se orienta para algo, ou alguém que transcende a comunidade, e que nessa ação é celebrado. Deste modo para que a realidade ou pessoa que é celebrada numa ação celebrativa se torne presente sem passar a ser um mero elemento mais da comunidade que celebra, é necessário que a sua forma de presença respeite a sua alteridade, e por consequência a sua ausência.⁸⁹ Sendo que “só há um modo humano de realizar uma presença que não anula a ausência: é o símbolo.”⁹⁰ E assim

⁸³ Papa Francisco, *Pai Nosso* (Lisboa: Grupo Planeta, 2018), 79.

⁸⁴ *Ibid.*, 79

⁸⁵ João Duque, “Eucaristia – Pão para um mundo novo,” *Brotéria* 153 (2001): 695.

⁸⁶ *Cf. Ibid.*, 695.

⁸⁷ Antoine Vergote, *Explorations de l'espace théologique* (Louvain : Leuven Uni. Press, 1990), 428.

⁸⁸ Duque, “Eucaristia – Pão para um mundo novo,” 696.

⁸⁹ *Cf. Ibid.*, 697.

⁹⁰ *Ibid.*, 697.

pela ação simbólica se religa e se faz a junção entre o presente e o ausente, entre a realidade simbolizante e simbolizada.

“A Eucaristia é assim na sua globalidade, uma ação simbólico – celebrativa”⁹¹ e como símbolo religioso estabelece uma mediação e nunca uma separação entre o sagrado e profano, entre Deus e ser humano, entre o mundo de Deus e o nosso.

João Duque refere ainda que ação simbólica não produz automaticamente a presença divina, mas acolhe-a enquanto dom do próprio Deus. Não são apenas os laços comunitários dessa ação, mas deve-se também a uma origem imemorial.⁹²

A Eucaristia é um símbolo real do próprio Mistério Pascal, como ação celebrativa. Trata-se assim de um símbolo global constituído por ações simbólicas diferenciadas e particulares manifestas em leitura de textos, gestos, entoação de cânticos, manipulação de objetos, execução de atitudes, “tal como numa ação cénica, tudo contribui para a constituição da própria ação.”⁹³

Portanto, de entre todos os elementos simbólicos o pão assume um papel fulcral. Neste sentido reflectir sobre este símbolo e as ações que lhe estão inerentes, ajuda a uma melhor compreensão da Eucaristia. Contudo, João Duque não se refere necessariamente ao pão enquanto objecto mágico que substancialmente se torna no próprio corpo de Deus, mas sobre o pão, enquanto elemento dinâmico de um conjunto de ações simbólicas que constituem o complexo tecido da Eucaristia.⁹⁴

E desta forma apresenta-nos o pão como símbolo sobre diferentes perspetivas: o pão da aliança escatológica, na proclamação das escrituras e no relato de outros textos fundadores; como pão oferecido à sua origem, no rito ofertorial; como pão sacrificado por todos na reactualização da última ceia e o como pão comido em comum, na comunhão.

⁹¹ Ibid., 697.

⁹² Cf. Ibid., 697.

⁹³ Ibid., 698.

⁹⁴ Cf. Ibid., 698.

Enquanto pão da aliança, o símbolo do pão revela-nos uma íntima ligação com a História da Salvação, enquanto história das alianças de Deus com o ser humano, a caminho da aliança plena e definitiva.⁹⁵ A narração das ações de Deus em favor do seu povo, revelam uma permuta simbólica entre Deus e o povo, entre o seu passado, presente e futuro.⁹⁶

Como pão oferecido à sua origem, no rito ofertorial do pão, este não é uma oferenda literal, pois Deus nada de nós precisa. Refere-se a uma oblação simbólica (dons em símbolos) entre Deus e o ser humano, articulando o reconhecimento atualizador de Deus criador e a criatura. Permuta essa que identifica o ser humano e une as criaturas numa condição comum.⁹⁷

Quanto à perspectiva do pão sacrificado por todos remete-nos para reatualização da Última Ceia, como significado ativo da mesma e na medida em que representa a simbólica da própria entrega de Cristo à morte para salvação de todos. Reconhece-se assim pelo pão simbólico uma permuta simbólica da doação e recepção da vida: “doação da e de vida, por parte de Deus e recepção de vida, por nossa parte; para além disso, doação de e da vida, por nossa parte, para a recebermos.”⁹⁸

A comunhão aparece-nos nesta última perspectiva, como pão comido em comum, sendo que na ação simbólica da comunhão, dá-se a presença simbólica do próprio Deus enquanto comunhão, assim como a comunhão que nos constitui como Igreja e seres humanos. Entenda-se que Deus-Comunhão, simbolicamente como pão comido, é-nos revelado como origem e fim da nossa própria comunhão em permanência e em todos os tempos. Este início comum, dá-se pela comunhão de filiação.⁹⁹

A Eucaristia é exemplo de que aqui o pão não se trata de um pão qualquer, mas dado pelo próprio Cristo, ou em que Ele se dá. Sendo O Pão Cristo e Cristo O Pão, esse pão é

⁹⁵ Cf. Ibid., 698.

⁹⁶ Cf. Ibid., 699.

⁹⁷ Cf. Ibid., 699.

⁹⁸ Ibid., 699.

⁹⁹ Cf. Ibid., 700.

símbolo real do dom de Cristo, por conseguinte do nosso acolhimento, assim como do nosso dom aos outros e ao próprio Cristo.

Da mesma forma que comer esse pão é dar-se e receber-se; é morrer ou seja sacrificar-se para e pelo outro. É-o também receber a vida que se entrega, pois assim a vida oferecida é libertação da morte, é ressurreição. É dessa doação fundamental e total que nasce a comunhão. Essa entrega leva-nos à construção da fraternidade, assim como Ele nos deu o pão e se deu como pão (alimento), por referência e exemplo, devemos oferecer a nossa entrega aos outros.¹⁰⁰

Neste seguimento “o realismo eucarístico deve chegar até este ponto: o sacramento do irmão é inseparável do sacramento de Cristo tornado irmão”¹⁰¹. De entre as virtudes teológicas, a fé e a esperança apresentam-se-nos como imutáveis, sendo que “a caridade fraterna, pelo contrário, está sujeita a variações no seu próprio objecto: amamos os outros mais ou menos, em qualidade e em quantidade. Só o pão eucarístico, alimento divino, pode fazer crescer a caridade fraterna, a fim de que ela atinja a sua plena estatura.”¹⁰²

A prática da solidariedade surge no reconhecimento que Deus é Deus e nós somos seus filhos e irmãos uns dos outros, assim como reconhecendo-nos numa condição comum a todos.

Por conseguinte, “a comunhão no pão eucarístico é marcada, simultaneamente, por um dar-se e receber-se. Pelo dom da vida que se recebe e pelo acolhimento da vida que se dá.”¹⁰³

Assim,

“os cristãos, ao longo dos tempos, deviam reunir-se, lembrando-se dele e da sua causa, que é a causa dos seres humanos, isto é, a liberdade, a dignidade, a igualdade, a felicidade, a alegria, a fraternidade entre todos os homens e mulheres. Quando os cristãos se reúnem para a celebração da Missa ou da Ceia do Senhor, partilham o

¹⁰⁰ Cf. *Ibid.*, 700.

¹⁰¹ Roger Etcheagaray, “O Pão Eucarístico, fonte de partilha e solidariedade,” *Theologica* 34 (1999): 356.

¹⁰² *Ibid.*, 356.

¹⁰³ Duque, “Eucaristia – Pão para um mundo novo,” 700.

pão e o vinho, que simbolicamente representam o corpo e sangue de Jesus que oferece “sobretudo a sua presença.”¹⁰⁴

Isto que acabamos de referir, remete-nos para o cumprimento do “único mandamento de Cristo: sede bons uns para os outros, amai-vos uns aos outros como eu vos amei. O amor vence a morte”.

Portanto construir uma cultura de solidariedade e de fraternidade é uma necessidade com que nos deparamos com urgência, isto porque “do ponto de vista social, a desintegração das sociedades actuais é um risco constante e, segundo Morin, ‘o único cimento que resta é o sentimento de solidariedade vivida’”¹⁰⁵, não esquecendo que “a verdadeira razão de ser de uma comunidade é a de permitir aos seus elementos viverem segundo as suas convicções, manterem as suas tradições e práticas e prestarem assistência e solidariedade mútuas.”¹⁰⁶

3. O Pão como partilha: Exemplo das comunidades cristãs primitivas (Act 2, 42-47)

“Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fração do pão e às orações. ⁴³Perante os inumeráveis prodígios e milagres realizados pelos Apóstolos, o temor dominava todos os espíritos. ⁴⁴Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. ⁴⁵Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um. ⁴⁶Como se tivessem uma só alma, frequentavam diariamente o templo, partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração. ⁴⁷Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo. E o Senhor aumentava, todos os dias, o número dos que tinham entrado no caminho da salvação” (Act 2,42-47).

¹⁰⁴ Anselmo Borges, “A festa do Banquete” in *Janela do (In)Visível*, ed. Anselmo Borges, (Prior Velho: Editores Campo das Letras, 2001), 200.

¹⁰⁵ Duque, “Eucaristia – Pão para um mundo novo,” 701.

¹⁰⁶ André Veríssimo, “Nomes Próprios” (Guimarães: Editora MDE, 2018), 66.

Ainda na conexão do ponto anterior se possa afirmar que na formação da eucaristia, muito teriam interferido os ensinamentos dos primeiros cristãos sobre a presença de Cristo ressuscitado na “fração do pão”.¹⁰⁷

O texto dos Atos dos Apóstolos evidencia uma forma de vida baseada num despreendimento tal, colocando no centro das suas vidas não só o serviço e amor ao próximo, assim como o acolhimento da mensagem de Jesus. A concretização das palavras de Jesus é-nos apresentada por esta demonstração clara de vivência da fraternidade, de uma opção de vida em prol do bem comum, pois “partilhar pode significar a resolução de um problema que a todos nos deixa inquietos, quando sabemos que a fome continua a matar”¹⁰⁸, tal como refere Ivone Gebara:

“Este modelo das primeiras comunidades cristãs apresenta-se como uma referência inspiradora, contudo foi de tal forma idealizado e desgastado pelo mundo patriarcal que não cria o impacto necessário às novas comunidades. O ideal proposto parece distantanciar-se das reais possibilidades de vivenciar a partilha de modo a que não haja famintos e necessitados no nosso meio. Não obstante, podemos sempre resgatar esses textos mediante a problemática real que vivenciamos, assumindo-os como inspiração para as nossas acções”¹⁰⁹

Sabendo que “a indiferença mata qualquer possibilidade de partilha”¹¹⁰, a comunidade dos primeiros cristãos refletem um amor partilhado de verdadeira fraternidade e comunhão: “A mesa é uma espécie de fronteira simbólica que testemunha, para lá das diferenças, uma possibilidade radical de comunhão.”¹¹¹

A comunidade primitiva, que honrava Deus no culto, sentia-se obrigada para com os seus membros pobres, pois a pobreza é um problema de toda a comunidade. A fração do pão

¹⁰⁷ João Alberto Correia, “A Eucaristia na Bíblia e a Bíblia na Eucaristia,” *Theologica* 43 (2008): 207.

¹⁰⁸ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Estou contigo 6º ano*, (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015), 110.

¹⁰⁹ Ivone Gebara, *Teologia ecofeminista* (São Paulo: Olho D’água, 1997), 97.

¹¹⁰ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Estou contigo 6º ano*, 110.

¹¹¹ Mendonça, *A Leitura Infinita*, 156.

exprime a dimensão social da Eucaristia e não é um isolado ato de culto, mas uma forma de existência¹¹².

A comunhão de bens era livre e estes textos seriam uma generalização a partir de casos concretos; mas, eles ilustram o ideal da comunidade primitiva, que é concretização da exigência evangélica de abandonar tudo (Lc 5, 11.28; 14, 33; 18, 22), da renúncia quotidiana (Lc 9, 23). A partilha de bens, a comunhão fraterna em Jerusalém, é resposta à palavra dos Apóstolos, fundada na fé em Deus, que, como realidade interior se materializa nas obras.

O dom une e cresce partilhando-se com o outro e descobre-se uma existência verdadeiramente humana e um mundo que criamos com os outros.

A Igreja, melhor escola de aprendizagem do Reino de Deus, apresenta uma revolução pacífica de mudança de relações sociais na partilha, para sair de situações problemáticas, como a pobreza; partilhando o que se tem, emerge o espírito, a alma, o ser, o que se é e o que se sabe. A comunhão de bens surge como uma tentativa de realizar a esperança do Reino de Deus para todos, e no Reino de Deus os pobres serão saciados.

Aos vínculos externos de participação unem-se como forma os vínculos internos de solidariedade: “A multidão dos que haviam abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma” (Act 2,44-46). Os crentes formavam uma comunidade na co-responsabilidade pelos outros.

A comunidade de Jerusalém, descrita como “um só coração e uma só alma”, distingue-se por que “entre eles não havia alguém necessitado” (Act 4, 32-35; 2, 42-47). Esta atitude resultava da fé, que lhes era comum como “crentes”. Deste modo, a Igreja bem organizada, em que toda a gente ajuda, consegue chegar às pessoas com pequenas oferendas: é o segredo da fé cristã.

A verdade religiosa, não pode senão partilhar-se. Isto porque os crentes são unidos por um bem que cresce enquanto é partilhado por outros e em que cada um não pode manter a posse senão em comum com outros.

¹¹² Joseph Ratzinger, *Questões sobre a Igreja* (Lisboa: Ed. Paulistas, 1992), 28.

CAPÍTULO II – A PARTILHA DO PÃO: O QUE NOS DIZ O MAGISTÉRIO DA IGREJA

Desde as primeiras comunidades que a Igreja teve especial atenção pelos mais pobres e necessitados. Toda a ação caritativa da Igreja parte da Palavra de Deus e do próprio testemunho de Jesus. Ao longo dos séculos, esta ação caritativa foi sendo desenvolvida, aperfeiçoada, aumentada.

É missão da Igreja estar presente nas necessidades do homem contemporâneo. Contudo, não compete à Igreja encontrar soluções para todos os problemas que afectam a sociedade. Muito ela já realizou e muito mais terá de realizar. A Igreja deve continuar a proporcionar, através da Eucaristia e do testemunho de Jesus Cristo uma comunhão e partilha entre todos.

Apesar disto, é um dever a Igreja continuar a dar aos pobres o pão de cada dia. É algo que está ao nosso alcance, algo que está enraizado na verdadeira consciência de comunidade, de Igreja.

Nesta perspectiva, ao longo da história da Igreja, esta desenvolveu um campo de ação social muito próximo dos sem pão, dos com fome. Perante esta realidade, a Doutrina Social da Igreja tomou forma num contexto mais desfavorável e de maior espezinhamento da dignidade humana, nomeadamente nos países mais desenvolvidos na busca de sociedades mais modernas, centradas na produção de bens de consumo, totalitárias e desreguladas nos que diz respeito às novas formas de trabalho emergentes e à definição do que é o «bem comum».

Neste âmbito a Doutrina Social da Igreja desenvolveu o seu trabalho em torno dos problemas sociais, políticos e económicos que se fazem sentir e que se revelam um autêntico desrespeito para com a dignidade da pessoa humana, sobretudo no contexto da industrialização.¹¹³

¹¹³ A industrialização, como já fora referido, surgiu como motor de uma economia nova, que levou ao aumento da pobreza nas cidades, à miséria dos operários, à riqueza de alguma burguesia.

1. Princípios Universais propostos pela Igreja

A Doutrina Social da Igreja, tal como se refere o Cardeal Angelo Sodano na carta ao Cardeal Renato Raffaele Martino, Presidente do Pontifício Conselho “JUSTIÇA E PAZ”, é “um instrumento de evangelização”¹¹⁴ porque põe em relação a pessoa humana e a sociedade com a Luz do Evangelho. Desta forma, a Doutrina Social da Igreja caminha sobre princípios que são em si mesmos “o valor novo”, a novidade, que Jesus Cristo traz com a sua Paixão, e são em si mesmos o horizonte final da ação da Igreja, a comunidade de fé que vive de Jesus Cristo e para Jesus Cristo e, tal como São Paulo, afirma “já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Neste sentido, toda a vida da Igreja deve ser anúncio¹¹⁵ de Deus e lugar onde o mistério de salvação em Cristo se dá a cada Homem, a Salvação. Tal como Jesus se senta como os mendigos a mendigar¹¹⁶ ao pedir “dá-me de beber” à Samaritana (Cf. Jo 4,5-24), e ela que junto do poço descobre que Jesus é Ele mesmo a fonte da água que sacia toda e qualquer sede/fome do corpo humano, física e espiritual, assim a Igreja é cada um de nós em Jesus, que mendiga, no mundo em que se insere, e pede pão a quem têm pão para dar e este ao descobrir o verdadeiro pão que sacia, acolhe e responde ao pedido.

Deste maneira, os princípios da Doutrina Social da Igreja são a luz sobre os quais toda a Igreja relê as realidades da história humana, “das relações interpessoais, caracterizadas pela proximidade e por serem imediatas, às mediadas pela política, pela economia e pelo direito;

¹¹⁴ Este documento foi elaborado pelo Pontifício Conselho da Justiça e da Paz, por indicação do Santo Padre João Paulo II, para expor de modo sintético, mas completo, “*o ensinamento social da Igreja, fruto da sábia reflexão magisterial e expressão do constante empenho da Igreja na fidelidade à Graça da salvação de Cristo e na amorosa solicitude pela sorte da humanidade*. Os aspectos teológicos, filosóficos, morais, culturais e pastorais mais relevantes deste ensinamento são aqui organicamente evocados em relação às *questões sociais*. Destarte é testemunhada a fecundidade do encontro entre o Evangelho e os problemas com que se depara o homem no seu caminho histórico.” DSI n.º8.

¹¹⁵ “Daqui resulta que a Doutrina Social da Igreja, por si mesma, tem o valor de um instrumento de evangelização: enquanto tal, anuncia Deus e o mistério de salvação em Cristo a cada homem e, pela mesma razão, revela o homem a si mesmo”. João Paulo II, “*Litterae Encyclicae “Centesimus Annus”*” (1 de maio de 1991),” *Acta Apostolicae Sedis* 83 (1991): n.º 54. A partir deste momento, as referências a este documento serão feitas no corpo do texto com a sigla CA seguida do respetivo número de parágrafo.

¹¹⁶ Cf. José Tolentino Mendonça, *Elogio da Sede* (Lisboa: Quetzal Editores, 2018), 19.

das relações entre indivíduos ou grupos às relações entre os povos e as nações”¹¹⁷, e a partir dos quais apreende os critérios de discernimento e de orientação do seu agir social (cf. DSI 161), de modo que seja sempre anúncio e testemunho da casa de Deus. Uma casa, como refere José Tolentino Mendonça no seu livro sobre *Elogio da sede*, onde "Em Jesus, Deus também se apresenta como mendigo do homem"¹¹⁸ e citando, Simone Weil, uma casa onde habita um Deus que “espera como um mendigo [...], imóvel e silencioso, diante de qualquer um que lhe estenda um bocado de pão. O tempo é a espera de Deus que mendiga o nosso amor.”¹¹⁹ Uma resposta assente em princípios universais, dos quais nos ocuparemos de seguida.

Compreender cada princípio implica apreender os “fundamentos últimos e ordenadores a vida social” (DSI 163) que comprometem moralmente e eticamente a ação da Igreja que, por sua vez na sua essência, deve primar pela busca permanente de uma vida digna do ser humano em todas as suas dimensões sociais e comunitárias (cf. DSI 163).

1.1. Princípio do bem comum¹²⁰ e o destino universal dos bens

Uma vida digna do Homem que deve ser tomada como “bem comum” enquanto “conjunto de condições da vida social que permitem, tanto aos grupos, como a cada um dos seus membros, atingir mais plena e facilmente a própria perfeição”(DSI 164).

Assim, este princípio, em particular, exige a responsabilidade de todos pelo bem comum, condição *sine qua non* que fundamenta a promoção integral da pessoa humana e dos seus direitos. Nesta perspectiva, esta exigência conduz “ao empenho pela paz, à organização dos poderes do Estado, a uma sólida ordem jurídica, à salvaguarda do ambiente, à prestação dos serviços essenciais às pessoas, alguns dos quais são, ao mesmo tempo, direitos do homem”

¹¹⁷ Conselho Pontifício Justiça e Paz, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (Cascais: Principia, 2005), n.º 161. A partir deste momento as referências a este documento serão feitas no corpo do texto com a sigla DSI seguida do respetivo número de parágrafo.

¹¹⁸ Mendonça, *Elogio da Sede*, 20.

¹¹⁹ *Ibid.*, 20.

¹²⁰ Bem comum definido pelo Vaticano II como “o conjunto das condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada membro alcançar, mais plena e facilmente, a própria perfeição”. Concílio Ecuménico Vaticano II, “Constitutio Pastoralis de Ecclesia in mundo huius temporis ‘Gaudium et spes’ (7 de dezembro de 1965),” *Acta Apostolicae Sedis* 58 (1966): n.º 26. A partir deste momento, as referências a este documento serão feitas no corpo do texto com a sigla GS seguida do respetivo parágrafo.

(DSI 166), onde pedir pão a quem tem pão não é mais que um dever moral e social que deve envolver os Estados, instituições, em particular as que integram a vida da Igreja, nesta consciência participativa. Uma consciência que toca toda a comunidade política porque “todos têm também o direito de fruir das condições de vida social criadas pelos resultados da consecução do bem comum” (DSI 167) na certeza de que “o bem comum da sociedade não é um fim isolado em si mesmo; ele tem valor somente em referência à obtenção dos fins últimos da pessoa e ao bem comum universal de toda a criação” (DSI 170).

No entanto, à luz do “princípio do bem comum”, um outro “assume particular importância o princípio da destinação universal dos bens” (DSI 171) que fundamenta o direito universal ao uso dos bens. Neste sentido, este princípio, à luz da fé cristã, descreve o bem material como dom de Deus ao Homem que o governa. Ato quotidiano cujo valor económico deve ser inspirado “em valores morais que permitam nunca perder de vista nem a origem, nem a finalidade de tais bens, de modo a realizar um mundo equitativo e solidário” (DSI 174), isto é, segundo a regra da justiça, como valor fundamental a vida social e inseparável da caridade, que não exclui nenhuma pessoa humana do bem comum, mas a premeia em qualquer situação em que se encontre.

O princípio do bem comum e o seu destino universal deve corresponder ao apelo que o Evangelho, a Boa Nova de Jesus, faz a cada Homem e às sociedades em cada momento da sua história concreta. Só neste prisma, todo e qualquer direito público e privado sobre os bens comuns, os bens da criação, pode ser regulamentados sem que um se oponha ao outro. É certo, tomando estes princípios como universais, que só “Mediante o trabalho, o homem, usando a sua inteligência, consegue dominar a terra e torná-la sua digna morada” (DSI 176) em que Homem é o “pleno e perene senhorio de Deus sobre toda a realidade” (DSI 177) como dom da Criação e que este o Homem de forma livre e responsável se desenvolve integralmente como ser humano, social e religioso.

Por último, a Doutrina Social da Igreja e os seus princípios têm um relevo indiscutível quando reafirmam “a opção preferencial pelos pobres” (DSI 182). Opção, que já desde João Paulo II é claramente definida como uma opção central na prática da caridade cristã, enquanto testemunho e imitação da vida de Cristo.

Neste contexto, hoje, pedir pão a quem tem pão, “dada a dimensão mundial que a questão social assumiu, este amor preferencial, com as decisões que ele nos inspira, não pode deixar de abranger as imensas multidões de famintos, de mendigos, sem-teto, sem assistência médica e, sobretudo, sem esperança de um futuro melhor” (DSI 182). O apelo do Evangelho deve tornar o coração do Homem próximo do outro nas suas ações. Este é o realismo da vida e do amor cristão vivido à luz do Evangelho das Bem-Aventuranças que não esquece a pobreza material e também as numerosas formas de pobreza cultural e religiosa.

Pedir pão a quem tem fome é, então, “socorrer o próximo nas suas várias necessidades e difunde na comunidade humana inúmeras obras de misericórdia corporais e espirituais”(DSI 184), tal como ensina toda a Igreja como resposta à dimensão social e política do problema da pobreza.

1.2. Princípio da Solidariedade

“O Concílio Vaticano II quis dar uma demonstração eloquente da solidariedade, do respeito e do amor para com toda a família humana, instaurando com ela um diálogo sobre tantos problemas, ‘esclarecendo-os à luz do Evangelho e pondo à disposição do gênero humano o poder salvífico que a Igreja, conduzida pelo Espírito Santo, recebe do seu Fundador. Com efeito, é a pessoa humana que se trata de salvar, é a sociedade humana que importa renovar’.” (DSI 18)

A Igreja é intrinsecamente, na sua ação social, solidária. Não se pode compreender a sua vida social sem valor como este princípio da sua práxis social. Neste sentido a solidariedade é uma obrigação. A Igreja deve sentir-se obrigada a ser solidária e a ser “sal e

fermento” de humanidade contra todo o tipo de egoísmo, comodismo e hedonismo social que espezinha a pessoa humana na sua identidade e dignidade, muitas vezes a uma escala planetária de “desigualdades muito fortes entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento, alimentadas também por diversas formas de exploração, de opressão e de corrupção, que influem negativamente na vida interna e internacional de muitos Estados” (DSI 192).

A Doutrina Social da Igreja, ao evocar este princípio de solidariedade, compreende a certeza da importância da Igreja e da sua ação no mundo em que se insere. Uma Igreja que faz caminho com a humanidade, que se faz presente na história do Homem “e, mesmo sem ser do mundo (Cf. Jo 17, 14-16), é chamada a servi-lo seguindo a própria íntima vocação” (DSI 18). Uma vocação que busca “propor a todos os homens um humanismo à altura do desígnio de amor de Deus sobre a história, um humanismo integral e solidário, capaz de animar uma nova ordem social, económica e política, fundada na dignidade e na liberdade de toda a pessoa humana, a se realizar na paz, na justiça e na solidariedade” (DSI 19).

A Doutrina Social da Igreja apresenta, assim, a solidariedade como princípio social e como virtude moral, dois aspetos complementares (cf. DSI 193). Enquanto princípio social deve funcionar como ordenador das instituições de acordo com o seu âmbito de ação social: Família, Educação, Religião, Economia/Mercados Financeiros e Política, de forma que premeiem sempre as relações entre as pessoas e os povos na construção de uma sociedade ou sociedades mais humanas e humanizadoras. Todas as instituições nas suas ações devem concretizar este princípio, tornado a sua missão, cada vez mais credível e eficaz na sociedade em se insere. No entanto, sempre que existam causas que entram o desenvolvimento integral (Cf. DSI 373) da pessoa humana e das sociedades, as “estruturas de pecado”¹²¹,

¹²¹ Como João Paulo II convida a reflectir toda a Igreja, na sua Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Reconciliatio et paenitentia* sobre a reconciliação e a penitência na missão da Igreja hoje. Cf. João Paulo II, “Adhorratio Apostolica Post Synodum Episcoporum ‘Reconciliatio et paenitentia’ (2 de dezembro de 1984),” *Acta Apostolicae Sedis* 77 (1985): 185-275.

sobretudo a *avidez do lucro* e a *sede do poder*¹²², estas devem ser superadas “mediante a criação ou a oportuna modificação de leis, regras do mercado, ordenamentos” (SRS 38). Nesta medida, a Solidariedade é o verdadeiro reflexo das concretas relações humanas que encontram soluções em cada fragilidade da vida social para a defesa da pessoa humana, nas suas mais diversas vivências: sociais, culturais, políticas, éticas, económicas, religiosas e ecológicas, e do bem comum (cf. DSI 164-170).

A Solidariedade, como princípio social, completa-se quando se torna, também, uma virtude moral. Virtude que se encontra na “determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum; ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos” (DSI 193).

Sendo a Solidariedade um dos princípios centrais da Doutrina Social da Igreja, que já o Papa S. João Paulo II nas Cartas Encíclicas evoca, em particular na sua Carta encíclica *Sollicitudo rei socialis*, tornou-o o grande obreiro dessa tarefa. Tarefa entendida como atitude moral e social e como “virtude” que “não é um sentimento de compaixão vaga ou de enternecimento superficial pelos males sofridos por tantas pessoas próximas ou distantes. Pelo contrário, é a determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum; ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos” (SRS 38-39).

É premente afirmar, à luz da Doutrina Social da Igreja, que hoje não podemos falar de ação social cristã sem falarmos de solidariedade. Solidariedade que, como *virtude social fundamental*, se torna a marca *sine qua non* do *modus operandi* de toda a Igreja, dentro de si e para fora de si, como “pois se coloca na dimensão da justiça, virtude orientada por excelência para o *bem comum*, e na aplicação em prol do bem do próximo, com a disponibilidade, em sentido evangélico, para ‘perder-se’ em benefício do próximo em vez de o explorar, e para

¹²² Cf. João Paulo II, “Litterae Encyclicae ‘Sollicitudo rei socialis’ (30 de dezembro de 1987),” *Acta Apostolicae Sedis* 80 (1988): n.º 38. A partir deste momento, as referências a este documento serão feitas no corpo do texto com a sigla SRS seguida do respetivo número de parágrafo.

‘servi-lo’ em vez de o oprimir para proveito próprio (cf. Mt 10, 40-42; 20, 25; Mc 10, 42-45; Lc 22, 25-27)” (SRS 38).

Neste sentido, este princípio e valor deve ser o pilar na vida eclesial, na política, no mundo do trabalho/economia, da ética social, da justiça social e da compreensão sempre nova e renovada da pessoa humana como ser espiritual, aberta ao Transcendente. Pilar central da Igreja como "sinal na história do amor de Deus para com os homens e da vocação de todo o gênero humano à unidade na filiação do único Pai" (DSI 19) no respeito e amor pela pessoa humana.

Só sob o signo da solidariedade, do respeito e do amor se pode propor um humanismo “à altura do desígnio de amor de Deus sobre a história, um humanismo integral e solidário” (DSI 19). E, assim, o ato de “pedir pão para quem tem fome” se justifique pela necessidade de animar uma nova ordem social, económica e política que busca a paz e a justiça. Neste sentido, a Solidariedade é trilha da ação eclesial que, pela sua ação concreta e pela ação da “graça” em cada pessoa, torna a sociedade humana "novos e artífices de uma nova humanidade” (DSI 19).

Neste horizonte, a solidariedade é um dom na vida da Igreja e da pessoa humana. Ambas têm vínculos de unidade na partilha e busca do bem comum e destino universal dos bens (cf. DSI 194). De forma que, a vida da Igreja deve ser Cristo “que vive em mim”, isto é, "N’Ele a solidariedade alcança as dimensões do mesmo agir de Deus. N’Ele, e graças a Ele, também a vida social pode ser redescoberta, mesmo com todas as suas contradições e ambiguidade, como lugar de vida e de esperança, enquanto sinal de uma graça que de continuo é a todos oferecida e que, enquanto dono, convida às formas mais altas e abrangentes de partilha" (DSI 196): “dar a vida pelos próprios irmãos” (cf. 1Jo 3,16).

A Doutrina Social da Igreja deve assim, promover a sociedade humana e renová-la à luz deste princípio que deve ser estruturante na definição de corresponsabilidades para com o bem comum e amor ao outro, no ato de pedir pão a quem tem pão.

1.3. Princípio de subsidiariedade

Bento XVI na Carta Encíclica *Caritas in Veritate* evoca de novo “O princípio de subsidiariedade” que enuncia a justa repartição dos recursos que promovem a dignidade da pessoa humana e corresponsabilidade na gestão do bem comum, nas suas diversas experiências de desenvolvimento/crescimento a nível social, e que já o Compêndio da DSI refletia. Neste sentido, quando se trata de “pedir o pão a quem tem pão” o presente princípio “há-de ser mantido estritamente ligado com o princípio de solidariedade e vice-versa, porque, se a subsidiariedade sem a solidariedade decai no particularismo social, a solidariedade sem a subsidiariedade decai no assistencialismo que humilha o sujeito necessitado.”¹²³ Toda a sociedade deve ser corresponsabilizada no seu desenvolvimento equitativo, em que se exige sempre o reconhecimento do direito de cada um,

“o respeito e a promoção efetiva do primado da pessoa e da família, a valorização das associações e das organizações intermédias, nas próprias opções fundamentais e em todas as que não podem ser delegadas ou assumidas por outros; o incentivo oferecido à iniciativa privada, de tal modo que cada organismo social, com as próprias peculiaridades, permaneça ao serviço do bem comum; a articulação pluralista da sociedade e a representação das suas forças vitais; a salvaguarda dos direitos humanos e das minorias; a descentralização burocrática e administrativa; o equilíbrio entre a esfera pública e a privada, com o conseqüente reconhecimento da função *social* do privado; uma adequada responsabilização do cidadão no seu «ser parte» ativa da realidade política e social do País” (DSI 187).

Assim sendo, as indicações concretas da Doutrina Social da Igreja centram-se na igualdade, simetria, retidão, imparcialidade e conformidade que devem pautar a ação social da Igreja e o diálogo concreto com a sociedade em que se insere, de modo a que toda e qualquer ação de intervenção social e em particular económica, isto é, “ajudas internacionais destinadas

¹²³ Bento XVI, “Litterae Encyclicae ‘Caritas in Veritate’ (29 de junho de 2009),” *Acta Apostolicae Sedis* 101 (2009): n.º 58. A partir deste momento, as referências a este documento serão feitas no corpo do texto com a sigla CV seguida do respetivo número de parágrafo.

ao desenvolvimento” como refere Bento XVI, "Para serem verdadeiramente tais, as ajudas económicas não devem visar segundos fins", pois "independentemente das intenções dos doadores, podem por vezes manter um povo num estado de dependência e até favorecer situações de sujeição local e de exploração dentro do país ajudado” (CV 38).

A pessoa humana está dinamicamente orientada para o próprio desenvolvimento em todos os seus aspetos, porém deve ter a consciência que:

"Tudo isto é do homem, porque o homem é sujeito da própria existência; e ao mesmo tempo é de Deus, porque Deus está no princípio e no fim de tudo aquilo que tem valor e redime: ‘quer o mundo, quer a vida, quer a morte, quer o presente, quer o futuro, tudo é vosso; mas vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus’ (1 Cor 3, 22-23). A ânsia do cristão é que toda a família humana possa invocar a Deus como o ‘Pai nosso’. Juntamente com o Filho unigénito, possam todos os homens aprender a rezar ao Pai e a pedir-Lhe, com as palavras que o próprio Jesus nos ensinou, para O saber santificar vivendo segundo a sua vontade, e depois ter o pão necessário para cada dia, a compreensão e a generosidade com quem nos ofendeu, não ser postos à prova além das suas forças e ver-se livres do mal (cf. Mt 6, 9-13)” (CV 79).

2. A caridade como dever da Igreja¹²⁴ e os valores fundamentais da vida social

“É a via traçada pela caridade” (DSI 204) que sustenta a ação social da Igreja, na sua qualidade de “forma *virtutum*” (DSI 207), “desde a comunidade local passando pela Igreja particular até à Igreja universal na sua globalidade” (DCE 20). A caridade, traduzida no amor ao próximo e radicada no amor de Deus, “deve ser reconsiderada no seu autêntico valor de *critério supremo e universal de toda a ética social*, e não ser confinada apenas ao “âmbito das relações de proximidade, ou limitada aos aspectos somente subjetivos do agir para o outro” (DCE 20) pressuposto que define o carisma da vida cristã. Carisma que está centrado no amor

¹²⁴ Cf. Bento XVI, “Litterae Encyclicae ‘Deus Caritas Est’ (25 de dezembro de 2005),” *Acta Apostolicae Sedis* 98 (2006): n.º 20-25. A partir deste momento, as referências a este documento serão feitas no corpo do texto com a sigla DCE seguida do respetivo número de parágrafo.

ao próximo. Como consequência deste carisma “o amor tem necessidade também de organização enquanto pressuposto para um serviço comunitário ordenado” (DCE 20) e enquanto dever antes de mais para cada um dos fiéis na resposta ao amor de Deus, o qual se revive em cada ação da Igreja. Assim, a exemplo da “comunhão” das comunidades cristãs primitivas que os Actos dos Apóstolo nos apresentam “não deve haver uma forma de pobreza tal que sejam negados a alguém os bens necessários para uma vida condigna” (DCE 20).

Neste sentido, a via da caridade como princípio da Doutrina Social da Igreja é o alicerce que fundamenta “os valores da verdade, da justiça, do amor e da liberdade” que a devem sustentar, isto é, os valores fundamentais da vida social, os quais “são valores que determinam a qualidade de toda a ação e instituição social” (DSI 205) e se traduzem na solidez e consistência da vida e agir cristão. Uma verdade (cf. DSI 198) que fecunda a convivência humana, num esforço quotidiano; uma justiça (cf. DSI 201-203) que resulta do respeito efetivo pelos direitos e no cumprimento dos deveres; uma liberdade (cf. DSI 199-200) responsável que prima pela dignidade da pessoa humana; e um amor que toca, porque “faz sentir como próprias as carências e as exigências alheias e torna sempre mais intensas a comunhão dos valores espirituais e a solicitude pelas necessidades materiais” (DSI 205).

Como razão última “a via da caridade”, como princípio da Doutrina Social da Igreja e tal como o apresenta o Compêndio da Doutrina Social da Igreja, não esgota as relações entre as pessoas quer social e politicamente, assentes em valores fundamentais da vida social. “A via da caridade” pressupõe e transcende a justiça que a complementa; pressupõe uma reta argumentação que convida “homens e povos a viver na unidade, na fraternidade e na paz” (DSI 207) e, por isso, supera toda e qualquer legislação, regras ou pactos; pressupõe que todo o agir humano edifique uma comunidade que busca permanentemente a dignidade da pessoa humana, na partilha e comunhão, bem como, na defesa do “bem comum”.

3. Será que precisamos de uma nova solidariedade universal?¹²⁵

Após a reflexão realizada nos pontos anteriores sobre os princípios da Doutrina Social da Igreja, uma questão se coloca: será que precisamos de uma nova solidariedade universal? Ou apenas renovar a que existe?

Dada a realidade actual, a globalização em si que acarreta problemas como: egocentrismo, comodismo, robotização, que facilmente substitui a “humanidade”, enfim esta “alegre irresponsabilidade” (LS §59) que leva a uma ausência de “fome de partilha”. Por isso consideramos necessária a reflexão urgente que leve a uma mudança de atitude.

O Papa Francisco na encíclica *Laudato Si'* dirige-se não só aos cristãos, mas “a cada pessoa que habita neste planeta” (LS §3), onde invoca a “solidariedade universal” para “unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral” (LS §13).

Como proposta de modelo a seguir, o papa Francisco apresenta-nos S. Francisco de Assis, de quem se aprende como são “inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior” (LS §10).

Todos nós sendo criados pelo mesmo Pai, formamos uma família universal numa comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde não só entre nós mas também pela casa que habitamos, onde estão também todos os outros seres vivos. Toda esta dádiva pressupõe uma tremenda responsabilidade (cf. LS §42).

Na encíclica *Laudato Si'*, a referência à indignação que devemos sentir face às enormes desigualdades que existem entre nós, e também à tolerância que insistimos em dar porque alguns se consideram mais dignos que outros (cf. LS §90). Deste modo, “deixamos de notar que alguns se arrastam na miséria degradante, sem possibilidades reais de melhoria, enquanto outros não sabem sequer o que fazer ao que têm, ostentam vaidosamente uma suposta superioridade e deixam para atrás de si um desperdício tal que seria impossível generalizar sem destruir o planeta” (LS §90).

¹²⁵ Cf. Francisco, “Litterae Encyclicae “Laudato Si” de communi domo colenda (24 de maio de 2015),” *Acta Apostolicae Sedis* 107 (2015): 847-945. A partir deste momento, esta Encíclica será citada no corpo do texto com a sigla LS, seguida do respectivo número do parágrafo.

Contudo o Papa Francisco ressalva que se o “coração está verdadeiramente aberto a uma comunhão universal, nada e ninguém fica excluído dessa fraternidade” (LS §92). Sendo a terra uma herança comum (cf. LS §93), onde todos devem beneficiar dos seus frutos. Para os crentes torna-se uma questão de fidelidade ao Criador, pela dádiva comum (cf. LS §92).

A abordagem ecológica deve integrar toda uma perspectiva social considerando os direitos fundamentais dos mais desfavorecidos (cf. LS §93). Ainda na Encíclica é-nos referido São João Paulo II que diz “a Igreja defende, sim, o legítimo direito à propriedade privada, mas ensina, com não menor clareza, que toda a propriedade particular pesa sempre uma hipoteca social, para que os bens sirvam ao destino geral que Deus lhe deu” (LS §93), reforçando a ideia de que “Deus deu a terra a todo o género humano, para que ela sustente todos os seus membros, sem excluir ou privilegiar ninguém” (LS §93). Alerta-nos, também, para os hábitos injustos praticados na humanidade: “O meio ambiente é um bem colectivo, património de toda a humanidade e responsabilidade de todos” (LS §95). Pelo que “quem possui uma parte é apenas para a administrar em benefício de todos” (LS §95) e assim não sendo carregamos na consciência o peso da negar a existência aos outros (cf. LS §95). Deste modo, chega-nos o convite a, tal como Jesus, viver em plena harmonia com a criação (cf. LS §98).

Assim, torna-se necessário que “a nossa caridade fraterna cresça a ponto de atingir o homem todo e não o homem unidimensional, o homem integral e não o homem vivo truncado das suas raízes religiosas”¹²⁶.

¹²⁶ Etchegaray, “O Pão Eucarístico, fonte de partilha e solidariedade”, 358.

CAPÍTULO III – PLANIFICAÇÃO E LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA “A PARTILHA DO PÃO”, DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

É neste terceiro e último capítulo que será apresentado, além da planificação e lecionação da unidade letiva, as estratégias e recursos utilizados para as mesmas, tendo sempre como objectivo o enriquecimento do processo ensino-aprendizagem na interação entre professor e alunos(as).

Qualquer profissional, de forma a garantir a eficácia do seu trabalho, deve conhecer o público com quem trabalha. De forma, pelo menos igualmente premente, é o que acontece no ensino, com os professores, em que para que a sua profissão seja melhor realizada e desempenhada, necessita de conhecer a realidade sócio-cultural e económica daqueles com quem vai trabalhar. Por isso é importante começar por realizar uma adequada caracterização da Escola em que a sua turma está inserida. É isso que a seguir passaremos a ter.

1. Caracterização do Agrupamento, da Escola e da Turma

Na sua prática pedagógica, cada docente deve preocupar-se em aprofundar o seu conhecimento sobre o contexto com quem e onde vai trabalhar. Assim, neste ponto, apresenta-se a caracterização do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, sede onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada, seguida da caracterização da turma 5 do 6º ano, turma com quem se trabalhou.

1.1. Caracterização do Agrupamento e da Escola

A Prática de Ensino Supervisionado foi desenvolvida no Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches (AEFS) que é constituído por sete estabelecimentos de ensino e educação,

situados nas freguesias de S. Victor e São Vicente. São a Escola Básica Dr. Francisco Sanches, EB 1 da Misericórdia, EB1/JI Quinta da Veiga, JI Quinta das Fontes, EB1/JI das Enguardas, EB1 de S. Vítor e EB1/JI Bairro da Alegria. Aqui podemos encontrar um elevado número de população que abrange diversas áreas económicas, sociais e culturais, de origem estrangeira, inclusivamente. Talvez por isso grande parte dos tutores ou encarregados de educação sejam indivíduos operários ou desempregados, fazendo com que os seus educandos beneficiem de apoio social.

O Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches pauta-se pela preocupação com formação e cultura da comunidade educativa na sua área geográfica e por isso tem uma atuação em que está presente a exigência, responsabilidade e cooperação, oferecendo uma variada oferta educativa, tendo presente as necessidades da comunidade educativa a que está associada, para formar os indivíduos, da sociedade de amanhã, mais responsáveis e mais aptos para os desafios do futuro.

“Os resultados que se pretendem atingir identificam-se nas seguintes metas:

- melhorar os resultados escolares dos seus alunos;
- diminuir a taxa de abandono;
- diminuir a taxa de absentismo escolar;
- diminuir a taxa de retenção;
- potenciar a relação escola-comunidade”.¹²⁷

O documento que constitui o Projeto Educativo do AEFS pauta-se pela preocupação com a inclusão, equidade, responsabilidade e inovação, de forma a construir uma escola para a cidadania, onde atitudes e valores são de grande importância no desenvolvimento integral dos alunos.

Assim para cada meta propõe objetivos de forma a conseguir alcançá-la, como a seguir se apresenta:

¹²⁷ Cf. AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DR. FRANCISCO SANCHES, *Projeto Educativo 2013-2017*, Braga, 2014, 18.

a) Meta – Construir uma escola de qualidade

Objetivos:

- Implementar ofertas formativas que respondam às necessidades dos alunos, valorizando o seu saber cultural, promovendo a inclusão, e criando condições para a aprendizagem em função das capacidades e da cultura de cada um.

- Dar visibilidade às aprendizagens obtidas no desenvolvimento de projetos escolares.

- Reconhecer o mérito dos elementos da comunidade escolar.

- Garantir o desenvolvimento de medidas promotoras da aprendizagem e do sucesso escolar a todos os alunos que delas necessitem.

- Diversificar e inovar as metodologias de ensino e aprendizagem.

- Potenciar a articulação de conteúdos, estratégias, recursos e formas de avaliação.

- Acompanhar as lideranças intermédias no sentido de potenciar o trabalho colaborativo entre professores, alunos, pais e encarregados de educação e os parceiros educativos.

b) Meta – Ser uma escola para a cidadania

Objetivos:

- Participar projetos locais e internacionais que potenciem o conhecimento, a interculturalidade, o voluntariado e os direitos humanos.

- Assegurar a plena ocupação do tempo escolar de cada um dos alunos.

- Promover um clima de aprendizagem, criando estratégias para a resolução da indisciplina e da perturbação dos processos de aprendizagem.

- Aprofundar/estreitar a relação com as parcerias.

- Aprofundar a participação das famílias, pais e encarregados de educação, nas dinâmicas escolares

1.2. Caracterização da turma do 6º ano.

A Prática de Ensino Supervisionada realizou-se na turma cinco do 6º ano, da Escola Básica Dr. Francisco Sanches. A turma é composta por 23 alunos, sendo que todos se encontram inscritos e a frequentar a disciplina de EMRC. Tratam-se de 10 alunos do género feminino e 13 alunos do género masculino. A média de idades situa-se entre os 11.1 e os 11.2 anos. Todos frequentam o 6º ano pela primeira vez, apesar de se registar 2 alunos com retenções no 5.º ano e 2.º ano e com menção às suas muitas dificuldades. Alguns alunos apresentam problemas disciplinares, assim como alguma falta de pontualidade. Um aluno pelas suas características próprias beneficia de medidas educativas previstas no artº.17. Apesar destas problemáticas apresentadas, o conselho de turma apresenta estratégias de superação que já se encontram em curso por forma a promover o melhor sucesso escolar.

Do total dos alunos, 1 aluno é proveniente do Brasil.

A turma participa ativamente nas atividades da Escola, destacando-se nos projectos: Desporto escolar na área de voleibol e tiro ao arco(8 alunos); Clube de Programação e Robótica (2 alunos) e um aluno no projecto de teatro.

No que concerne à experiência letiva da PES é possível tecer as seguintes considerações acerca da turma 5 do 6º ano de escolaridade: na sua generalidade trata-se de uma turma participativa, apesar de alguns alunos manifestarem algumas dificuldades de atenção e concentração. A diversidade de tarefas, as chamadas de atenção e orientação para a realização das tarefas propostas contribuiu para que os alunos se envolvessem ativamente. Na globalidade, os alunos revelam interesse pelo processo de ensino-aprendizagem o que facilita o desenvolvimento do mesmo, atendendo às orientações dadas pela professora. Do ponto de vista do aproveitamento, a turma caracteriza-se por um rendimento escolar mediano apurado pelas suas participações/intervenções orais e alguns registos escritos retidos. Nas relações mantidas com os alunos no decorrer das aulas observadas pode constatar-se que manifestam sentido de solidariedade e interajuda. Criou-se entre alunos (as) e professora, no

desenvolvimento da PES uma relação de afinidade e empatia. A aposta na diversidade de atividades apresentadas aos alunos(as) captou o interesse dos mesmos, bem como a realização das tarefas propostas e de forma motivada e autónoma.

2. Planificação da Unidade Letiva 3 – A Partilha do Pão.

A Prática de Ensino Supervisionada foi realizada ao longo de sete tempos letivos, onde se desenvolveu o programa da Unidade Letiva 3 – A Partilha do Pão. Esta Prática iniciou-se no dia 21 de fevereiro, terminando no dia 18 de abril de 2018. Estas aconteceram às quartas-feiras, das 8h20min às 9h05min.

Neste ponto são apresentadas as planificações das aulas e os recursos utilizados. Sendo que, num terceiro momento, se fará a análise do processo ensino-aprendizagem.

2.1. Aula 1 – Apresentação e introdução da unidade lectiva: A Partilha do Pão

A primeira aula da Prática de Ensino Supervisionada, realizada no dia vinte e um de Fevereiro de 2018, procurou alcançar a seguinte meta de aprendizagem:

O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.

Através desta meta, procurou-se atingir os seguintes objetivos:

- Conhecer os alunos da turma;
- Entender de que se trata a “ Partilha do Pão”;
- Interpretar e reconhecer as várias expressões onde esta patente o alimento/alimentação e a sua importância no nosso dia-a dia.

Os conteúdos abordados são:

- A partilha como valor face aos mais necessitados
- A importância do alimento como algo que não podemos viver sem.

A grelha de planificação para esta aula é a seguinte:

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário						
SUMÁRIO: Apresentação e introdução da unidade lectiva: A Partilha do Pão. A importância da alimentação.					2 min	
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa a comunidade e o mundo.	1. Descobrir a dimensão simbólica da refeição.	1. A alimentação: <ul style="list-style-type: none"> • A refeição; • A refeição como festa e experiência de encontro; • O ritual da preparação da refeição e a sua expressão cultural. 	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento/saudação • Retrospectiva da aula anterior <ul style="list-style-type: none"> • Visualização de um pequeno vídeo para introduzir a nova unidade lectiva (O milagre das rosas) . • Depois de visualizar o vídeo, perguntar aos alunos qual a relação do vídeo com o tema da nova unidade e acrescentar alguns pontos de interesse. • - Trabalho de grupo: A alimentação nas várias expressões) (trabalho diferente por grupo). • Momento de partilha e conclusões dos trabalhos de grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Computador • Projetor • Internet Puzzle (pinturas) Letra canção Provérbios Fotos pratos típicos...	5 min	Cumprimento das regras de sala de aula
					8 min	Observação direta; Atenção
					10 min	Participação Atenção
					10 min	Empenho e participação organizada;
					10 min	Participação; Qualidade dos trabalhos

A aula iniciou com a saudação aos alunos, sendo que os alunos já se haviam apresentado, assim como a professora estagiária numa aula prévia. De seguida, a professora estagiária escreveu o sumário no quadro e solicitou aos alunos que o escrevessem nos cadernos diários.

O sumário registado foi o seguinte:

- Apresentação e introdução da unidade lectiva: A Partilha do Pão.
- A importância da alimentação.

De seguida, a professora estagiária apresentou um pequeno vídeo, *A Lenda da rainha santa Isabel*¹²⁸, como introdução, para ajuda e orientação na percepção da significação da nova unidade lectiva: “A partilha do pão”. Após esta visualização, a professora estagiária perguntou aos alunos qual a relação que encontram desta visualização, face ao tema da nova unidade lectiva. Partindo das ideias procedentes da visualização do vídeo, os alunos referiram o sentido de partilha do alimento face aos mais desfavorecidos.

Posteriormente, a professora estagiária fez uma apresentação e explicação de um powerpoint¹²⁹ sobre a importância da alimentação, realçando que o aspeto humano central das refeições não reside no alimento em si mas na refeição como experiência de encontro. À medida que foi passando a apresentação, interpelou os alunos.

De seguida, elaborou sete grupos, para que fizessem um trabalho que lhes foi solicitado. Este trabalho diferiu de grupo para grupo, onde posteriormente puderam partilhar as diferentes conclusões.¹³⁰

Sendo as dinâmicas para cada grupo diferentes, a cada um foi dado uma folha guião para elaborar o trabalho que consistiu:

Grupo 1: construção de 1 puzzle e leitura de breve história de Carmem Miranda, seguindo-se a proposta de trabalho pela criação de 1 história face ao exposto para depois partilharem com os colegas;

¹²⁸ O link para a visualização deste vídeo está disponibilizado no Recurso Didático 1, em anexo.

¹²⁹ O powerpoint pode ser visualizado no Recurso Didático 2, em anexo.

¹³⁰ Os materiais utilizados neste trabalho de grupo, estão disponibilizados no Recurso Didático 3, em anexo.

Grupo 2: dar a conhecer algumas curiosidades sobre a alimentação que após tomarem conhecimento devem partilhar com o resto da turma uma ou duas delas que achassem mais pertinentes;

Grupo 3: realizar um trabalho acerca dos pratos típicos de diferentes países, como identidade cultural, onde têm de fazer a ligação do prato apresentado ao país correspondente e posteriormente imaginar que fariam de cicerone a um colega que tenha vindo de outro país no programa Erasmus para a escola, aconselhando-o e recomendando alguns pratos típicos da nossa região.

Grupo 4: serão entregues alguns provérbios relacionados com a alimentação, sendo que estes serão entregues em partes separadas, e os alunos devem juntar as partes que compõe o provérbio. Ser-lhes-á entregue, também, um guião de trabalho onde lhes é indicado fazer a junção das partes do provérbios, e de seguida devem preencher nos espaços devido os provérbios completos, onde podem visualizar o significados dos mesmos. Por fim é-lhes solicitado que partilhem e apliquem um ou dois provérbios numa situação.

Grupo 5: terão que ler um pequeno texto retirado do manual, acerca da dieta mediterrânea e devem preencher uma grelha segundo o mesmo. Terão ainda que realizar um quebra cabeças, encontrando os alimentos, que poderão também visualizar em imagem apresentada.

Grupo 6: o trabalho a ser desenvolvido é referente a uma música: “Amor de água fresca”. Ser-lhes-á dado um pequeno texto com algumas informações referente á cantora e ao facto desta musica ter ganho o festival RTP da canção em 1992. A proposta apresentada passa por “imaginarem” serem os alunos a apresentar a música, seguindo os itens orientadores.

Grupo 7: passa pelos alimentos também apresentados sob a forma de arte na pintura, sendo que lhes será apresentado um quadro de Paul Cézanne “o cesto das maçãs” em forma

de puzzle(peças) que devem montar e assim visualizar a obra. O guião de trabalho sugere-lhes ainda após informação fornecida que realizem uma pequena bibliografia sobre o pintor.

Concluídas as diferentes propostas de trabalho por grupo, a professora estagiária pediu que partilhassem por grupo e de uma forma resumida os seus trabalhos com a restante turma, concluindo a relevância e pertinência das diferentes representações onde os alimentos estão referidos levando à conclusão conjunta e unânime da importância da alimentação.

A professora estagiária pediu que partilhem as conclusões com a turma, para posteriormente reunidas as partilhas fazer o desfecho da actividade.

Os trabalhos realizados foram recolhidos pela professora.

No final da aula, a professora estagiária agradeceu a atenção e participação dos alunos.

2.2. Aula 2 – Significado simbólico-religioso dos alimentos

A segunda aula de Prática de Ensino Supervisionada, realizada no dia vinte e oito de fevereiro de dois mil e dezoito, tratou o significado simbólico religioso do alimento dando seguimento à primeira aula. As metas de aprendizagem a atingir foram:

O (amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo);

J. (descobrir a simbólica cristã).

O objetivo a alcançar consistiu em interpretar qual o significado religioso da refeição. Os conteúdos abordados foram: o significado simbólico-religioso do alimento e da refeição, nomeadamente dos alimentos – o pão, o azeite, o vinho, a água, o cordeiro.

A grelha de planificação é a seguinte:

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário SUMÁRIO: Significado simbólico-religioso do alimento e da refeição.				Quadro e marcador. Caderno diário e caneta.	5 min	
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa a comunidade e o mundo. J. Descobrir a simbólica cristã	2. Descobrir a dimensão simbólica da refeição.	1. O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição. 2. O pão, o azeite, o vinho, a água, o cordeiro.	<ul style="list-style-type: none"> Momento de partilha (oral) dos diferentes grupos sobre os trabalhos realizados(revisão aula anterior). Jogo: “ Se mais sábio queres ser, terás de responder” (perguntas e opções de respostas face aos elementos apresentados). Breve explicação dos elementos simbólicos após as respostas face as perguntas do jogo. Consolidação dos conteúdos apresentados. 	<ul style="list-style-type: none"> Computador Projetor PowerPoint Elementos físicos (significado simbólico-religioso): pão; azeite (candeia); vinho; água (jarro e pia para lavar as mãos à entrada) e o cordeiro. 	10 min 25 min 5 min	Participação Atenção Empenho Participação organizada Respeito pela opinião dos colegas e pelos materiais dispensados Participação

A aula iniciou-se, à semelhança da anterior, saudando os alunos. De seguida, a professora estagiária escreveu o sumário no quadro e solicitou aos alunos que o escrevessem nos cadernos diários, enquanto o disse em voz alta, procedimento recorrente.

O sumário registado foi o seguinte:

- O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição.

Antes da aula ter o seu início a professora estagiária colocou numa mesa à frente dos alunos os seguintes elementos físicos: pão, vinho, uma pia e um jarro com água, um recipiente com azeite, e um cordeiro (peluche) e uma candeia de azeite. Os alunos ao entrarem tomaram contacto visual imediato com esta realidade, que pretendeu suscitar alguma curiosidade.

Depois de todos os alunos terem feito o registo do sumário a docente pediu aos alunos para, uma vez que os grupos não apresentaram as conclusões do seu trabalho, o fizessem de uma forma sucinta, concluindo deste modo a revisão da aula anterior . De seguida começou por introduzir a nova temática proposta para a aula: o significado simbólico-religioso do alimento e da refeição, sugerindo a realização de um jogo. Sendo que sugeriu aos alunos imaginarem estar num estudo de TV, propôs-lhes participarem num jogo: “Se mais sábio queres ser, vais ter de responder”¹³¹. A professora pediu a colaboração de dois alunos para entregar por fileira as respectivas opções de resposta (A,B,C,D) que deviam levantar face à pergunta colocada (ver ilustração 1).



Ilustração 1 - Opções de resposta

¹³¹ O powerpoint com este jogo pode ser visualizado no Recurso Didático 4, em anexo.

O jogo a realizar consistiu numa avaliação diagnóstica, chegando-se a ela pelas perguntas prévias (ver ilustração 2) e, numa fase posterior à pergunta, deu-se a leccionação da matéria, seguindo-se após darem a sua resposta de uma explicação e acrescento em relação aos

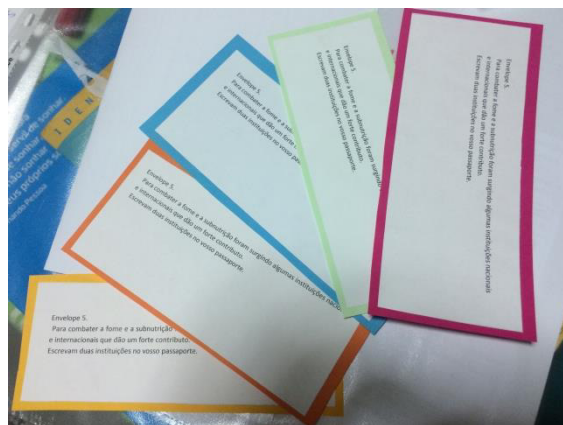


Ilustração 2 - Perguntas do jogo

conteúdos apresentados. A participação dos alunos não se prendeu, apenas, na resposta face ao que foi perguntado, mas também aquando da exposição de conteúdos manifestaram a sua participação fundada nalguns conhecimentos que já tinham presentes.

Será dado realce ao elemento água, também por problemas de seca que passamos, questão preocupante.

A professora estagiária finalizou a aula agradecendo a atenção e participação dos alunos.

2.3. Aula 3 – A fome e a injusta distribuição de bens

A terceira aula de Prática de Ensino Supervisionada, foi realizada no dia sete de março de dois mil e dezoito, teve como tema “A fome e a injusta distribuição de bens”. A meta de aprendizagem a atingir foi a **O**. (amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo). O objetivo a alcançar foi reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injusta distribuição dos bens.

Os conteúdos a abordar foram:

- A fome e a subnutrição;
- A pobreza, a distribuição injusta dos bens de primeira necessidade.

A grelha de planificação é a seguinte:

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário SUMÁRIO: A fome e a injusta distribuição dos bens.				Quadro e marcador. Caderno diário e caneta.	5 min.	
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa a comunidade e o mundo.	Reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injusta distribuição dos bens.	<ul style="list-style-type: none"> • A fome e a subnutrição; • A pobreza, a distribuição injusta dos bens de primeira necessidade. 	<ul style="list-style-type: none"> • A experiência humana: distribuição simbólica da riqueza (bolachas) pelos alunos (2 grupos) como demonstração da injusta distribuição dos bens no mundo; • Visualização de algumas imagens atuais fruto das injustiças sociais. • Exposição de conteúdo programático- A pobreza e a distribuição injusta dos bens; • Vídeo que revela que a partilha é uma resposta humana. 	<ul style="list-style-type: none"> • Bolachas • Powerpoint • Imagens • Música • Powerpoint • Vídeo 	<p>10 min.</p> <p>10 min.</p> <p>15 min.</p> <p>5 min.</p>	<p>Participação organizada</p> <p>Atenção</p> <p>Atenção e participação adequada</p>

A aula iniciou-se, com o procedimento recorrente e habitual, saudando os alunos.

A professora estagiária iniciou a aula recordando com os alunos o que foi tratado na aula anterior, perguntando-lhes qual o significado simbólico-religioso dos alimentos abordados.

A redação do sumário, ao contrário do habitual, não foi no início, mas no final da aula, por forma a não tornar previsível o tema a tratar e fazê-los chegar a ele.

Deste modo deu-se início ao tratamento do tema proposto para a aula através de uma dinâmica em que a professora estagiária pediu aos alunos que se dividissem em dois grupos – um com cerca de cinco alunos, e outro com dezoito alunos. Definidos e posicionados os grupos a professora entregou ao grupo dos dezoito alunos uma caixa com cinco bolachas, e ao grupos de cinco alunos uma caixa cheia de bolachas. Esta dinâmica pretendeu representar assim a injusta distribuição (representatividade da percentagens da distribuição da riqueza em relação à pobreza), de forma a suscitar o desagrado dos alunos em relação às quantidades repartidas (momento de discussão).

Os alunos puderam manifestar-se ativamente onde lhe foi dada a comparação da situação promovida com a realidade que vivemos.

Entretanto a professora apresentou umas imagens (fome, desperdício, riqueza e pobreza, catástrofes naturais, seca, refugiados) acompanhadas de uma música de fundo para que os alunos as observassem com atenção e em silêncio.¹³²

Após a visualização, perguntou aos alunos o que lhes sugeriam as imagens.

Após este momento, a professora apresentou um powerpoint¹³³ com as temáticas referentes: à fome e as causas da fome; a falta e o desperdício de comida; a injusta distribuição de bens. Esta abordagem foi feita com as devidas paragens para ouvir os alunos acerca destas temáticas e para explicar por vezes alguns significados que lhes eram alheios.

¹³² As imagens utilizadas podem ser visualizadas no Recurso Didático 5, em anexo.

¹³³ O powerpoint pode ser visualizado no Recurso Didático 6, em anexo.

A aula concluiu com a mostra de um pequeno vídeo, que à semelhança das dinâmicas que fizeram no início da aula, mostra uma experiência feita com meninos, em que revelou que uma resposta à problemática da fome é a atitude da partilha.¹³⁴

Por fim perguntou aos alunos de acordo com o foi tratado em aula, qual poderia ser o sumário.

2.4. Aula 4 – Solidariedade precisa-se

A quarta aula de Prática de Ensino Supervisionada, realizada no dia catorze de março de dois mil e dezoito, teve como tema “A solidariedade e as instituições nacionais e internacionais vocacionadas para acabar com a fome”. As metas de aprendizagem a atingir foram:

O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo;

N. Promover o bem comum e o cuidado do outro

Os objectivos a atingir foram:

- Reconhecer o valor da solidariedade;
- Identificar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome;

Os conteúdos a desenvolver foram os seguintes:

- Solidariedade

- Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para acabar com a fome:

- Banco Alimentar contra a fome;
- FAO;
- Fundação Fé e Cooperação;
- Liga Nacional Contra a Fome;
- Re-food

¹³⁴ No Recurso Didático 7 pode visualizar-se o *link* para o vídeo, em anexo.

A grelha de planificação foi a seguinte:

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário SUMÁRIO: Solidariedade. Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para acabar com a fome.				Quadro e marcador. Caderno diário e caneta.	5 min.	
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa a comunidade e o mundo.	Reconhecer o valor da solidariedade	<ul style="list-style-type: none"> • Solidariedade 	<ul style="list-style-type: none"> • Dinâmica de grupo – “Jogo dos quadrados”. • Conclusões • Vídeo acerca da partilha: “One Family, Food for all”. 	<ul style="list-style-type: none"> • Peças do jogo • Vídeo 	20 min. 5 min.	Participação organizada Atenção
N. Promover o bem comum e o cuidado do outro	Identificar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome	<ul style="list-style-type: none"> • Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para acabar com a fome: <ul style="list-style-type: none"> - Banco Alimentar contra a fome; - FAO; - Fundação Fé e Cooperação; - Liga Nacional Contra a Fome; - Re-food 	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalho de grupo acerca das instituições que lutam contra fome: <ul style="list-style-type: none"> - Banco Alimentar contra a fome; - FAO; - Fundação Fé e Cooperação; - Liga Nacional Contra a Fome; - Re-food 	<ul style="list-style-type: none"> • Guiões de trabalho • cartolinas • cola, caneta, régua 	15 min.	Atenção e empenho na realização da tarefa

Após a saudação aos alunos, a professora estagiária escreveu o sumário no quadro e solicitou aos alunos que o escrevessem nos cadernos diários, enquanto o dizia em voz alta. O sumário a registrar foi o seguinte:

- Solidariedade.
- Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para acabar com a fome.

De seguida, a professora estagiária relembrou os temas abordados na aula anterior, pedindo que referissem as ideias principais.

A professora estagiária deu início à aula com a realização de um jogo: “ O jogo do quadrado”, pelo que fez dois grupos de cinco alunos colocando-os em duas mesas distintas e com espaço de circulação entre as mesas. A turma ficou assim dividida entre os jogadores e os observadores.

Os alunos foram informados de que se tratava de um o jogo, com regras para seguir e desta forma atingir os objetivos propostos.



Ilustração 4 - Envelope com peças do jogo

O jogo do quadrado consistia na entrega de um envelope por jogador (ver Ilustração 2) com determinadas peças, sendo que apenas com as peças (ver Ilustração 3) que lhes são

fornecidas individualmente não conseguem atingir o objetivo que lhes foi proposto: construir um quadrado. Contudo as peças que foram previamente distribuídas por todos os elementos do grupo perfaziam todos os quadrados.

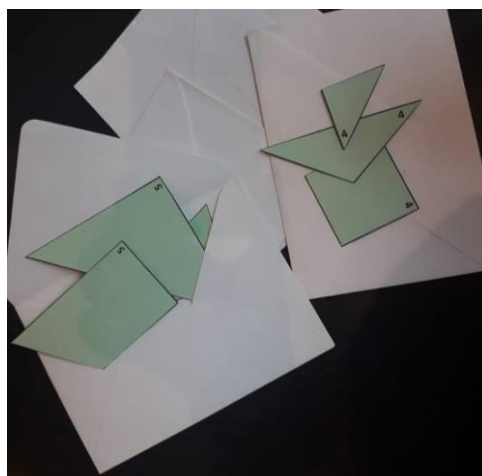


Ilustração 3 - Peças do jogo

As regras foram dadas a conhecer aos alunos para que as cumprissem:

- 1.ª Fazer silêncio durante a realização do jogo (jogadores e observadores);

2.^a Não podem pedir peças, nem trocar entre os 2 grupos designados de 5 elementos;

3.^a Podem dar peças (dentro do grupo);

4.^a Não podem sobrar peças

Objetivo: Juntar as peças e construir um quadrado cada elemento do grupo.

Depois de dadas a conhecer as regras do jogo, o jogo foi iniciado, pelo que os alunos sabiam que teriam cerca de 5 a 7 minutos para concluir o jogo.

Concluído o jogo foi solicitado aos alunos observadores que dissessem o que viram sem colocar nomes (se cumpriram as regras, etc).

Independentemente do resultado, o jogo surtiria o efeito pretendido, pois mesmo que efetivamente nenhum dos grupos conseguisse na totalidade construir o quadrado, em termos atitudinais poderiam perceber que estando atentos ao que lhes faltava e às necessidades do outro e pela dádiva (partilha) iriam conseguir atingir o seu objetivo. Daqui foi dado o salto para a fórmula da solidariedade: “solidariedade = empatia + partilha”. A solidariedade só acontece quando nos conseguimos colocar no lugar do outro, estando atentos às suas necessidades e pela nossa atitude de partilha.

Ainda quanto à partilha que pode ser uma atitude individual, mas também existem instituições, que tal como o tema da nossa unidade letiva “A partilha do Pão” têm por objetivo erradicar a fome. Nesta medida a professora estagiária introduziu as instituições no combate à fome, mostrando um pequeno vídeo: “One human family, food for all”¹³⁵.

Após a visualização do vídeo, cada grupo teve que fazer um cartão de identidade de uma das instituições, que lhes foi apresentada no guião.¹³⁶ Posteriormente este trabalho foi afixado na sala de aula.

¹³⁵ O link pode ser visualizado no Recurso Didático 8, em anexo.

¹³⁶ O guião das Instituições pode ser visualizado no Recurso Didático 9, em anexo.

2.5. Aula 5 – Ser pão para os outros

A quinta aula de Prática de Ensino Supervisionada, realizada no dia onze de abril de dois mil e dezoito, teve como tema “Ser pão para os outros”. As metas de aprendizagem a atingir foram:

- O.** Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo;
- N.** Promover o bem comum e o cuidado do outro
- J.** Descobrir a simbólica cristã.

Os objectivos a atingir foram:

- Reconhecer o valor da solidariedade
- Identificar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome
- Tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si.

Os conteúdos a desenvolver foram os seguintes:

- Solidariedade
- Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para acabar com a fome:
 - Banco Alimentar contra a fome;
 - FAO;
 - Fundação Fé e Cooperação;
 - Liga Nacional Contra a Fome;
 - Re-food
- A doação de si mesmo;

A grelha de planificação da aula é a seguinte:

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
<p>Acolhimento e Sumário SUMÁRIO: Empatia exploração do conceito (revisão). Conclusão dos trabalhos alusivos às instituições de solidariedade social. Como posso ser pão para os outros.</p>				Quadro e marcador. Caderno diário e caneta.	5 min.	
<p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa a comunidade e o mundo.</p> <p>N. Promover o bem comum e o cuidado do outro</p>	<p>Reconhecer o valor da solidariedade</p> <p>Identificar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Solidariedade • Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para acabar com a fome: <ul style="list-style-type: none"> - Banco Alimentar contra a fome; - FAO; - Fundação Fé e Cooperação; - Liga Nacional Contra a Fome; - Re-food 	<ul style="list-style-type: none"> • Exploração da conceito Empatia enquanto resposta à formula da solidariedade- Solariedade= Empatia+Partilha (Revisão-aprofundamento) • Vídeo acerca da partilha: “One Family, Food for all” (Revisão/enquadramento) • Conclusão dos trabalho de grupo acerca das instituições que lutam contra fome (a afixar na sala para que todos possam aceder às informações referentes às 	<ul style="list-style-type: none"> • Vídeo • Pequeno momento de partilha • Guiões de trabalho • cartolinas • cola, caneta, régua 	<p>10 min.</p> <p>5 min</p> <p>10 min.</p> <p>15min.</p>	<p>Participação organizada</p> <p>Atenção</p> <p>Atenção e empenho na realização da tarefa</p>

<p>J. Descobrir a simbólica cristã.</p>	<p>Tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si.</p>	<p>A doação de si mesmo</p>	<p>diferentes instituições).</p> <ul style="list-style-type: none"> • Eu- Como posso ser Pão para os outros? (Propostas de exemplos a ter no dia-a-dia seguindo o conselho do Papa Francisco) 	<ul style="list-style-type: none"> • Momento de partilha (Relação com o vídeo .e Mensagem do Papa Francisco (exemplos a praticar no dia-a dia)). 		
--	---	-----------------------------	--	--	--	--

A aula iniciou-se, com o procedimento recorrente e habitual, pela saudação os alunos, seguindo-se a redação do respectivo sumário:

- Empatia exploração do conceito (revisão).
- Conclusão dos trabalhos alusivos às instituições de solidariedade social.
- Como posso ser pão para os outros.

A professora estagiária iniciou a aula recordando com os alunos o que foi tratado na aula anterior, sempre para garantir a continuidade dos temas a tratar e no caso da ausência de algum(a) aluno(a) poder inteirá-lo(a) da matéria dada.

Face à necessidade de reflectir mais profundamente acerca de alguns conceitos abordados na aula anterior, reviram-se e consolidaram-se as aprendizagens, nomeadamente no campo concetual, que adveio da fórmula da solidariedade já apresentada na sua significância como resultante da empatia mais a partilha. (Solidariedade = empatia + partilha)

Promovendo o diálogo com os alunos em volta destes conceitos, e deste modo reafirmando a sua importância, a professora pretendeu um maior esclarecimento e apreensão de conceitos por parte dos alunos, aludindo para tal a exemplos práticos.

O restante tempo da aula foi reservado para os alunos realizarem o trabalho de grupo já proposto na aula anterior. Distribuídos os guiões de trabalho acerca de uma instituição, os alunos(as) em grupo previamente designado fizeram um cartão de identidade da instituição que trabalharam e depois partilharam com os colegas dando-a a conhecer. O trabalho após concluído foi afixado na sala de aula.

2.6. Aula 6 – Avaliação

A sexta, e última aula de Prática de Ensino Supervisionada, realizada no dia dezoito de abril de dois mil e dezoito, teve como objetivo avaliar os conteúdos programáticos abordados.

As metas de aprendizagem a atingir foram:

O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa a comunidade e o mundo.

N. Promover o bem comum e o cuidado do outro

J. Descobrir a simbólica cristã.

Os objectivos a atingir são:

- Consolidação das aprendizagens:
 - Descobrir a dimensão simbólica da refeição;
 - Reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injusta distribuição de bens;
 - Identificar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome;
 - Reconhecer o valor da solidariedade
 - Tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si.

Os conteúdos a consolidar são os seguintes:

- A refeição como festa e experiência de encontro
- O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição
- A fome e a subnutrição;
- A pobreza, a distribuição injusta dos bens de primeira necessidade;
- Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para acabar com a fome
- Solidariedade e voluntariado;

A grelha de planificação da aula foi a seguinte:

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário SUMÁRIO: Revisão da aula anterior. Mini Peddy- Paper.				Quadro e marcador. Caderno diário e caneta.	5 min.	
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa a comunidade e o mundo.	<ul style="list-style-type: none"> • Consolidação das aprendizagens - Descobrir a dimensão simbólica da refeição; • Reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injusta distribuição de bens; • Identificar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para 	<ul style="list-style-type: none"> - A refeição como festa e experiência de encontro - O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição - A fome e a subnutrição; A pobreza, a distribuição injusta dos bens de primeira necessidade; - Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para acabar com a fome - Solidariedade e voluntariado; 	<ul style="list-style-type: none"> • Peddy Paper: Explicação da atividade • Diálogo com os alunos para concluir a atividade 	<ul style="list-style-type: none"> • Perguntas • Passaportes • Caneta 	30 min. 5 min. 5 min	Participação organizada Avaliação dos passaportes do grupo Atenção e participação organizada
N. Promover o bem comum e o cuidado do outro						

<p>J. Descobrir a simbólica cristã.</p>	<p>a eliminação da fome;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer o valor da solidariedade • Tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si. 		<ul style="list-style-type: none"> • Entrega a cada aluno(a) de mensagem do papa Francisco acerca da partilha de bens como a partilha de si. 			<p>Atenção e participação organizada</p>
--	--	--	---	--	--	--

A professora estagiária deu início à aula pela saudação aos alunos, seguindo-se a redação do sumário no quadro e solicitou aos alunos que o escrevessem nos cadernos diários, enquanto o disse em voz alta. O sumário a registar foi o seguinte:

- Revisão da aula anterior.
- Mini Peddy-Paper.

De seguida, a professora estagiária lembrou de forma breve os temas abordados na aula anterior, e começou por explicar a atividade a realizar. Tratou-se de um Peddy paper com o objetivo de consolidar conteúdos e aferir conhecimentos. A busca por algo, a necessidade de percorrer para chegar a uma meta é aliciante e motivadora. O desafio a aprender foi colocado de uma forma atrativa.

Foram elaborados uns passaportes (ver ilustração 5) para cada grupo que continham as perguntas e lugares para onde tinham que se dirigir.¹³⁷



Ilustração 5 - Passaportes dos grupos para o peddy-paper

A duração da aula foi de 45 minutos. Tratou-se de uma aula onde após abordadas as temáticas sobre a “Partilha do Pão”, unidade lectiva três, se aplicou um elemento de avaliação formativa. De ressaltar a importância da avaliação formativa que assume um carácter contínuo e sistemático, sendo que recorreu a uma variedade de instrumentos de recolha de informação adequados à diversidade da aprendizagem e às circunstâncias em que ocorreram, permitindo ao professor e ao aluno obter informação sobre o desenvolvimento da aprendizagem, com vista ao ajustamento de processos e estratégias, conforme nos refere o Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de Julho, ponto 3. Ainda quanto à avaliação formativa, no mesmo decreto realça-se o art.º 25, ponto 3 que nos alude para o facto deste tipo de avaliação

¹³⁷ Pode ver-se no Recurso Didático 10, um exemplo de passaporte, em anexo.

gerar medidas pedagógicas adequadas às características dos alunos e à aprendizagem a desenvolver.

Este jogo começou e acabou na sala de aula, e percorreu algumas partes da escola que, por indicação referida nos passaportes entregues e numa forma ordenada os alunos encontraram as várias perguntas, às quais deram resposta por escrito também nos passaportes.

Esta “viagem” acabou com a entrega de um prémio de participação a cada aluno (ver Ilustração 6), alusivo às temáticas tratadas.

A professora estagiária agradeceu a todos (as) os alunos(as) a sua envolvência e participação ao longo da PES, na expectativa de ter contribuído para a sua formação



Ilustração 6 - Prémio de participação no peddy-paper

enquanto seres humanos integrais e ativos na sociedade. Despediu-se deste modo dos alunos, agradecendo também a oportunidade que lhe foi dada, de poder ter partilhado estas sessões com os alunos.

3. Análise do Processo Ensino-Aprendizagem

Concluída a leccionação da unidade lectiva três “ A Partilha do Pão”, do programa de Educação Moral e Religiosa Católica, surgiu a necessidade de reflectir sobre o processo ensino-aprendizagem, elencando os aspectos positivos e negativos referentes ao mesmo.

Efetivamente as seis aulas leccionadas não esgotaram o tema em estudo – a partilha. Ao considerarmos o individualismo, o egoísmo a fome e a injusta distribuição de bens, características do mundo contemporâneo, encaramos a partilha como uma das reflexões mais urgentes do séc. XXI. Por isso trazer este tema para a sala de aula transformou-se numa oportunidade muito pertinente de sensibilização e formação integral de indivíduos atentos e conscientes da sua responsabilidade em “ser pão para os outros”.

Relativamente ao funcionamento da prática pedagógica devemos elencar os seguintes aspectos positivos. Em primeiro lugar a turma com quem se trabalhou mostrou-se muito atenta e interessada no tema em estudo, o que foi um ponto de partida para o sucesso das atividades desenvolvidas. Assim, as oportunidades de diálogo entre professor-aluno e aluno-aluno transformaram-se em autênticos momentos para a construção de um saber reflexivo, evidenciando-se o raciocínio crítico que tem como objectivo uma mudança de comportamento.

Por sua vez, procuramos desenvolver actividades diversificadas e criativas, recorrendo também às tecnologias de informação e comunicação, que cativaram os alunos e ajudaram-nos a aprofundar os conteúdos programáticos abordados. De facto, apesar do trabalho intenso na preparação de recursos pertinentes e originais, verificou-se a eficácia dos mesmos uma vez que os alunos, com empenho e dedicação, envolveram-se naturalmente nas atividades propostas.

Salientamos, ainda que sentimos a necessidade de reflectir mais profundamente acerca de alguns conceitos abordados na quarta aula, e por isso na aula seguinte optámos por rever e consolidar estas aprendizagens. Percebemos aqui a importância da reflexão crítica que o professor necessita de realizar aula após aula, adequando as estratégias, conteúdos e aproveitando as diversas oportunidades para reformular a sua prática ajustando-a aos seus alunos.

Contudo, há a referir ainda alguns aspectos a melhorar sobre os quais nos debruçamos agora. Em primeiro lugar, elencamos a dificuldade na gestão do tempo face às planificações previamente realizadas. Efetivamente sentimos alguns impedimentos no cumprimento das mesmas, isto porque tivemos necessidade de adequar a leccionação a situações com as quais nos fomos deparando. Uma dessas situações aconteceu na quarta aula, onde foi preciso explicar as regras da primeira dinâmica mais do que uma vez, porque os alunos não estavam a compreender o objetivo a que esta se propunha. Assim esta actividade prolongou-se para além

do planificando, condicionando o cumprimento da restante planificação. Apesar disso consideramos que este aspeto não prejudicou a leccionação da unidade lectiva em si, porque permitiu aprofundar e criar mais momentos de reflexão, tal como aconteceu, por exemplo na aula seguinte. Nesta aula optou-se por continuar o diálogo onde se aprofundaram os conceitos que surgiram da fórmula apresentada “solidariedade = empatia+partilha”.

Outro aspeto sentido prendeu-se com a dificuldade em gerir na totalidade a dinâmica decorrente em sala de aula. Referimo-nos particularmente às intervenções dos alunos, que nem sempre foram convenientes, sendo que não são de todo controláveis. Este aspeto pode ser correlacionado com o anterior uma vez que estas intervenções prejudicaram também a gestão do tempo.

Outra dificuldade sentida prendeu-se com a rentabilização de alguns recursos utilizados. Como exemplo podemos referir a visualização do vídeo “One human family, food for all” em que não foi dado tempo devido para a sua exploração. Porém após refletir sobre este aspeto no final da aula leccionada, esta actividade foi reintegrada na aula seguinte, para colmatar esta falha.

Tendo em conta todos os aspectos acima referidos, e a reflexão sobre os mesmos que permitiu uma construção pessoal e a melhoria enquanto docente, queremos deixar uma breve conclusão. De uma maneira geral consideramos que a unidade lectiva “ A Partilha do Pão” atingiu as metas e objectivos propostos, permitindo aos alunos diferentes oportunidades de valorização e aquisição de novas aprendizagens.

4. Atividade “Cuidar da Vida”

a) Enquadramento

O AEFS realiza a 30ª Campanha de Dádiva de Sangue no ano letivo 2017/2018. Mais do que uma efeméride, entre outras que fizeram/fazem a história do Agrupamento, este facto é um verdadeiro **tesouro** que herdamos daqueles que nos precederam na missão educativa, desde logo, das colegas Maria José Lopes, Maria José Domingues, Luísa Ivo e tantas/os outras/os.

Associar a celebração dos **30 anos da**

Campanha de Dádiva de Sangue à comemoração do **Dia do Patrono** significa reconhecer na dádiva, a cada ano repetida, um sentido de transcendência, «um dar, dando-se», uma marca identitária do AEFS, qual tatuagem indelével que faz parte do próprio corpo.

E se, nos já longínquos anos oitenta, esta campanha que pretendia «*desenvolver a consciência cívica (...) na área da solidariedade humana*» foi um acontecimento pioneiro, então que também o seja a celebração desta História no coração da cidade que a viu nascer, num ambiente de festa e alegria, por ocasião do nosso «Dia do Patrono».

Porque a solidariedade marca a história do Agrupamento e transforma-se «numa marca» que queremos orgulhosamente viver e partilhar na *civitas*...

b) Objetivos

- Comemorar o Dia do Patrono num ambiente de festa, alegria e de celebração da vida, da solidariedade e da diversidade humana e cultural.
- Sensibilizar as comunidades educativa e local para a importância da dádiva de sangue.



Ilustração 7 - Cartaz da atividade

- Obter um número significativo de doadores de sangue.

c) «ANIMAÇÃO DE RUA» NO CORAÇÃO DA CIDADE... PARA COMEMORAR
30 ANOS DE DÁDIVA COMO DEVE SER!...

a) Unidade Móvel do IPS + Tenda da Avenida Central

Unidade Móvel do IPS: Colheita de Sangue. Tenda: Apoio aos doadores de sangue + Visita à exposição: «*Dádiva de Sangue - uma história com 30 anos no AEFS*» - trabalhos antigos e atuais dos alunos do AEFS.

b) Por toda a Avenida Central: (diferentes locais: Arcada/Chafariz; Coreto, Junto à igreja dos Congregados e ao monumento ao Papa, pelos jardins e passeios...):

- Concerto Orff (Ondina);
- Stomp (Eduardo Bueso);
- Demonstração de Capoeira, Danças rítmicas e Fit Training (Cristina Canelas);
- «Homem Banda» (Floriano, pai do Théo);
- Duo Bandolim e Guitarra (Ana e Gabriel, alunos brasileiros de música em Erasmus na UM);
- 4 Bases de Jogos (Grupo Educação Física);
- Demonstração de Aeromodelismo com a presença do campeão nacional da modalidade, Pedro Precioso (na cauda do avião faixa alusiva à Dádiva de Sangue / AEFS - núcleo de estágio de EMRC);
- Construção de Painel gigante: cada pessoa (alunos, pessoas que passem pela avenida) recebe um coração em papel autocolante e é convidado a escrever uma palavra/expressão alusiva ao tema: «Dádiva de Sangue – Cuidar da Vida» (núcleos de estágio de EMRC);

- Outras Oficinas:

1) **Pintura Facial:** desenhar / pintar corações, gotas de sangue ou outros motivos relacionados à dádiva nos rostos dos alunos do JI e do 1.º ciclo (Tânia + Lidia + alunos 8.º ano...);

2) **Construção de corações com balões** (responsabilidade da Associação de Pais da Escola EB Bairro da Alegria);

- Folheto «Aqui está o caso...».

Objetivo: Sensibilizar as pessoas para a importância do sangue e de ser dador, distribuindo o referido folheto. Como? Percorrer as principais ruas e praças do centro da cidade, conversar com as pessoas, entregar panfleto... (turmas do 9.º ano - alunos com maior autonomia).

- Pequeno lanche a todos os alunos - 1 sumo + 1 bolo (Associação de Pais da Escola Dr. Francisco Sanches).

- 1 hora de estacionamento grátis no Parque de Estacionamento da Avenida Central para 100 dadores de sangue.

- T-shirt alusiva à dádiva de sangue (para toda a comunidade educativa).

Algumas fotos deste evento:





CONCLUSÃO

Desde o início da humanidade, o pão tem sempre marcado presença no dia-a-dia do Homem, sendo ainda hoje, um alimento essencial para a sua sobrevivência. Também na nossa religiosidade o pão possui o seu lugar, visto que qualquer religião ou crença procura responder aos anseios e necessidades do ser humano. O próprio Jesus Cristo, ao intitular-se o “Pão da Vida”, sublinha esta importância do pão, elevando-o não só a alimento físico mas também a alimento espiritual.

No primeiro capítulo a reflexão incidiu sobre a historicidade do pão, em determinados momentos e lugares da história da humanidade – Egipto, Israel, Antiguidade Clássica e Industrialização. O pão, desde sempre, foi determinante para a sobrevivência da humanidade e a par da análise histórica da evolução deste alimento, deu-se a evolução da mesma. Como nos disse Heinrich Eduard Jacob “a humanidade compreendida à luz do pão que ela cultiva, produz e come ou deseja – é a sequência e o *imbrincamento* dos discursos múltiplos que dão expressão aos conflitos, aos horrores, às misérias, mas também aos triunfos, às glórias e às alegrias que com ele e por causa dele foram vividas”¹³⁸.

Neste primeiro capítulo do presente Relatório mais do que uma análise histórica profunda, foi-nos possível compreender determinadas curiosidades sobre este tema, como por exemplo: a evolução da transformação do pão até ao aparecimento dos primeiros fornos, que se podem comparar ao ventre materno. Do mesmo modo que o forno *dá vida* ao pão, também o ventre *dá vida* ao próprio Homem.

Num segundo momento – *Sacralidade do pão* – pretendeu-se mostrar a história do culto do pão, onde se deu valor ao património concreto e abstrato da cultura e da tradição popular, fazendo-se a apologia pelo conhecimento, da sabedoria que o povo tem e transmite através de diferentes celebração que dinamiza. O culminar deste ponto leva-nos à celebração da Eucaristia como celebração que nos apresenta o pão eucarístico como expressão, no

¹³⁸ Jacob, *6000 Anos de pão*, 10.

sentido de símbolo integrante de toda a ação celebrativa.¹³⁹ Assim, a Eucaristia é exemplo de que aqui o pão não se trata de um pão qualquer, mas dado pelo próprio Cristo, ou em que Ele se dá.

Nesta doação fundamental e total nasce a comunhão. Esta entrega levou as primeiras comunidades cristãs a seguirem o exemplo de Jesus, dando-se também aos outros. Assim numa análise das comunidades cristãs, podemos evidenciar que os discípulos foram entranhando nas suas ações e no seu dia-a-dia, esta importância do pão, importância de partilhar esse alimento, importância de serem pão uns para os outros. Além disso, também nós cristãos, por referência e exemplo, não podemos virar as costas aos nossos irmãos, não podemos ignorar as suas necessidades, devemos oferecer a nossa entrega aos outros. Daí a importância de sermos pão uns para os outros, de sermos fonte de felicidade, caridade, amor, tal como Jesus nos demonstrou e pediu que fôssemos.

No segundo capítulo deste Relatório – “A Partilha do Pão: o que nos diz o Magistério da Igreja” – introduz-se a temática da solidariedade de toda a Igreja, tendo como referência

“o próprio Cristo [que nos] ofereceu a chave mais surpreendente, a mais cativante: a solidariedade com os próprios. A opção pelos pobres é o teste mais seguro de que tomamos partido pelo Homem. Não simplesmente viver para os pobres, nem mesmo com os pobres, mas viver como pobres: quem não conhece a mordedurada pobreza arrisca-se a esquecer o seu dever solidário e a adormecer no seu conforto solitário”¹⁴⁰.

Desde as primeiras comunidades que a Igreja se preocupou com os mais pobres e necessitados e toda a sua ação caritativa parte da Palavra de Deus e do testemunho do próprio Jesus. Foi, é e sempre será missão da Igreja estar presente nas necessidades do Homem.

Assim, ao longo da história, a Igreja desenvolveu um campo de ação social muito próximo *dos sem pão*. A Doutrina Social da Igreja desenvolveu o seu trabalho em torno dos

¹³⁹ Cf. Duque, “Eucaristia – Pão para um mundo novo”, 695.

¹⁴⁰ Etchegaray, “O Pão Eucarístico, fonte de partilha e solidariedade”, 359.

problemas sociais, políticos e económicos que se fizeram e fazem sentir e que se revelam um autêntico desrespeito para com a dignidade da pessoa humana. Desta forma, a Doutrina Social da Igreja caminha sobre princípios que são em si mesmos a novidade que Jesus Cristo traz. Além disso, estes princípios são a luz sobre os quais toda a Igreja (re)lê as realidades da história humana.

Foi objetivo deste Relatório compreender alguns princípios que comprometem moralmente e eticamente a ação da Igreja. Os princípios analisados foram: Princípio do bem comum, Princípio da solidariedade e Princípio da Subsidiariedade.

Ainda, neste seguimento, deu-se principal ênfase à caridade, que sustenta a ação social da Igreja, considerada no seu autêntico valor de critério supremo e universal de toda a ética social e que define o carisma da vida cristã. De facto, a via da caridade como princípio da Doutrina Social da Igreja é o alicerce que fundamenta os valores da verdade, da justiça, do amor e da liberdade, que a devem suportar e se traduzem na solidez e consistência da vida e agir cristão.

Perante tudo isto, chegamos à conclusão de que é “necessário que a nossa caridade fraterna cresça a ponto de atingir o homem todo e não o homem unidimensional, o homem integral e não o homem vivo truncado das suas raízes religiosas”¹⁴¹.

A questão que une os dois primeiros capítulos com o terceiro capítulo, referente à prática pedagógica, é lançada no final do segundo – Será que precisamos de uma solidariedade universal? Ou apenas renovar a que existe? No fundo, trata-se de nos “expormos à nossa própria pobreza [uma vez que só assim] cresce o espaço para o acolhimento do outro na sua pobreza”¹⁴², isto porque “quando nos experimentamos pobres caíem os nossos juízos sobre os outros e nasce um olhar de bondade e de misericórdia que a todos acolhe”¹⁴³.

¹⁴¹ Ibid., 358.

¹⁴² Antunes, *Só o Pobre se faz Pão*, 8.

¹⁴³ Ibid., 102.

Tendo tudo isto em mente, foi através das aulas de Educação Moral Religiosa Católica que tivemos oportunidade de transmitir aos nossos jovens esta mesma mensagem que Jesus partilha connosco. Se nós, cristãos conscientes da nossa missão, não damos um testemunho autêntico aos nossos jovens, como poderemos esperar que eles tenham os valores cristãos que deveriam caracterizar e marcar a nossa sociedade?

Assim, a planificação das aulas e conseqüente lecionação teve como principal objectivo sensibilizar os alunos para esta problemática. Por isso, trazer este tema para a sala de aula transformou-se numa oportunidade muito pertinente de formação integral de indivíduos atentos e conscientes da sua responsabilidade em “ser pão para os outros”.

Concluindo, este Relatório não esgotou o tema a que se propôs, mas pretendeu oferecer alguma reflexão sobre uma das mais acutilantes preocupações hodiernas. No fundo, não se trata apenas de uma conclusão de um ciclo de estudos, mas um verdadeiro compromisso de uma sempre atual reflexão, que deve acompanhar continuamente qualquer docente, mas em particular o docente de Educação Moral e Religiosa Católica.

Reconhecendo a nossa atualidade como egoísta, não nos podemos prender ou enaltecer pelo negativo, mas focar e fortalecer o “resto de humanidade autêntica”, que tantas vezes a Professora Doutora Isabel Varanda nos chamava a atenção. Isto porque, “a saciedade separa-nos, [mas] a fome aproxima-nos”¹⁴⁴! E este é o mote que nos une a todos e nos fará (re)aprender a viver como verdadeiros irmãos.

¹⁴⁴ Roger Etchegaray, *Homilia no Pontifical de encerramento. 3º Congresso Eucarístico Nacional Atas* (Braga: Editorial AO, 1999), 35.

BIBLIOGRAFIA

1. Bíblia Sagrada

Bíblia Sagrada. Fátima: Difusora Bíblica, 2010.

2. Documentos do Magistério da Igreja

Bento XVI. “Litterae Encyclicae ‘Caritas in Veritate’ (29 de junho de 2009).” *Acta Apostolicae Sedis* 101 (2009): 641-709.

Bento XVI. “Litterae Encyclicae ‘Deus Caritas Est’ (25 de dezembro de 2005).” *Acta Apostolicae Sedis* 98 (2006): 217-252.

Conselho Pontifício Justiça e Paz. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Cascais: Principia, 2005.

Francisco. “Litterae Encyclicae ‘Laudato Si’ de communi domo colenda (24 de maio de 2015).” *Acta Apostolicae Sedis* 107 (2015): 847-945.

João Paulo II. “Adhorratio Apostolica Post Synodum Episcoporum ‘Reconciliatio et paenitentia’ (2 de dezembro de 1984).” *Acta Apostolicae Sedis* 77 (1985): 185-275.

João Paulo II. “Litterae Encyclicae ‘Centesimus Annus’ (1 de maio de 1991).” *Acta Apostolicae Sedis* 83 (1991): 793-867.

João Paulo II. “Litterae Encyclicae ‘Sollicitudo rei socialis’ (30 de dezembro de 1987).” *Acta Apostolicae Sedis* 80 (1988): 514-585.

Concílio Ecuménico Vaticano II. “Constitutio Pastoralis de Ecclesia in mundo huius temporis ‘Gaudium et spes’ (7 de dezembro de 1965).” *Acta Apostolicae Sedis* 58 (1966): 1025-1115.

3. Legislação

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de Julho, ponto 3.

4. Bibliografia Geral

Associação Portuguesa da Indústria de Moagem e Massas. *O ABC do Pão*. Porto: APIM.

Borges, Anselmo. “A festa do Banquete.” In *Janela do (In)Visível*. Editado por Anselmo Borges, 199-200. Prior Velho: Editores Campo das Letras, 2001.

Correia, João Alberto. “A Eucaristia na Bíblia e a Bíblia na Eucaristia.” *Theologica* 43,1 (2008): 195-213.

Duque, João. “Eucaristia – Pão para um mundo novo.” *Brotéria* 153 (2001): 695-704.

Etchegaray, Roger. “O Pão Eucarístico, fonte de partilha e solidariedade.” *Theologica* 34 (1999): 355-360.

Etchegaray, Roger. *Homilia no Pontifical de encerramento. 3º Congresso Eucarístico Nacional Atas*. Braga: Editorial AO, 1999.

Gebara, Ivone. *Teologia ecofeminista*. São Paulo: Olho de água, 1997.

Houssais, Antônio e Mauro de Salles Villar, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Tomo XIV, (Lisboa: Temas e Debates, 2003), 6063

Houssais, Antônio. “Pão.” In *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Editado por Antônio Houssais e Mauro de Salles Villar. Lisboa: Temas e Debates, 2003.

Jacob, Henrich Eduard. *6000 anos de pão*. Lisboa: Antígona, 2003.

Mendes, Américo, Ana Azevedo, António Fonseca, Daniel Serrão, Francisco Carvalho Guerra, Gonçalo Vasconcelos e Sousa, Isabel Baptista, Isabel Jonet, Jorge Cunha, José Carlos Carvalho, José Nuno Ferreira da Silva, Manuel Clemente, Teresa Olazabal, Walter Osswald. *As 14 obras de misericórdia*. Lisboa: Alêtheia Editores, 2009.

- Mendonça, José Tolentino de. *A Leitura Infinita - Bíblia e Interpretação*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008.
- Mendonça, José Tolentino. *Elogio da Sede*. Lisboa: Quetzal Editores, 2018.
- Mendonça, José Tolentino. *Pai Nosso que Estais na Terra*. Lisboa: Paulinas, 2014⁹.
- Moreira, Paulo. *Pão&Vinho - mil e uma histórias de comer e beber*. Alfragide: Pub. D. Quixote, 2014.
- Papa Francisco. *Pai Nosso*. Lisboa: Grupo Planeta, 2018.
- Papa Francisco. *Proteger a Criação - Reflexões sobre o Estado do Mundo*. Braga: Nascente, 2016.
- Ratzinger, Joseph. *Questões sobre a Igreja*. Lisboa: Ed. Paulistas, 1992.
- Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Estou contigo 6º ano*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015.
- Vergote, Antoine. *Explorations de l'espace théologique*. Louvain : Leuven Uni. Press, 1990.

5. Sítiografia

- Santos, Bruno. “O Pão.” *Aventar*, 28 de novembro de 2017. Acedido a 22 de março de 2018.
<https://aventar.eu/2017/11/28/o-pao/>.
- Moreira, Raquel. “O pão nas festividades tradicionais: a Páscoa e as Festas em Honra do Espírito Santo”. Comunicação apresentada no encontro *Civiltà e Cultura del Pane nei Paesi dell'Europa Mediterranea e dell'Est*. Roma, novembro 2001.
Acedido a 22 março de 2018.
https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/3564/1/2002.03.001_.pdf

ANEXOS

Recurso Didático 1

Neste Recurso é possível visualizar-se o *link* do vídeo “A lenda da Rainha Santa Isabel”.



A Lenda da Rainha Santa Isabel ANIMATED! (Free version, No Subtitles)

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=TPPVW8bVDTs>

Recurso Didático 2

Neste Recurso pode visualizar-se o Powerpoint utilizado na aula n.º1.

Importância da alimentação



- Quando falamos de pão referimo-nos ao alimento essencial à vida. Porquê?



Importância da alimentação



Nomadismo

Versus



Sedentarismo (domínio do fogo)

A transformação dos alimentos levou à passagem de um nível mais primitivo para um nível cultural.

Importância da alimentação

Até agora nada de novo...repara, o que temos aqui?



A refeição, experiência de encontro

- O aspecto humano central das refeições não se encontra tanto nos alimentos em si mesmo, **mas na relação de fraternidade** entre as pessoas que partilham as mesmas refeições;
- Os laços humanos reforçam-se com a participação à mesa, onde se proporcionam momentos de prazer e convívio.

Recurso Didático 3

Neste recurso podem visualizar-se os diversos materiais utilizados no trabalho de grupo, da aula n.º1.

GRUPO 1 - Pratos típicos de diferentes países

a) Guião:



Pratos típicos de diferentes países- Identidade cultural.

Guião para realizar trabalho

- Preenche os espaços em branco do texto que se segue de acordo com as palavras fornecidas que estão na caixa abaixo
- Atenção às gralhas.

cultural; humana; cozinhados; fogo; vegetais; moluscos; tubérculos; crus; natureza; alimentos; nómada; flores; couves; mulheres.

No período em que os ser humano era _____, deslocava-se em busca de _____ e recolhia-os da _____. Estes eram consumidos crus. A sua dieta alimentar era essencialmente constituída por _____, _____, alguns peixes e _____.

Com a sedentarização, e o domínio do _____, o Homem começou a consumir os alimentos _____.

A transformação dos alimentos é especialmente _____ e significou a passagem de um nível mais primitivo e natural para um nível mais _____.

A escolha, confecção e interdição de alimentos para o consumo humano integram e representam códigos próprios de cada cultura.

Vê as imagens e nome dos pratos que te apresentamos em anexo.

Nesta medida faz corresponder o prato típico ao seu país.

Prato	País/região
Pizza e massas.	
Pato à Pequim	
Paella	
Sushi	
salsicha	
Picanha/feijoada	

- Imagina que te fica incumbido de leares um colega que veio para a tua escola pelo programa Erasmus a almoçar, o que lhe recomendarias? Qual ou quais os pratos típicos portugueses que lhe darias a conhecer e porquê?

- Regista as tuas resposta na folha deixada pela professora.

b) Ficha de trabalho:

Pratos típicos de diferentes países - Identidade Cultural



- Coloca o número de 1 a 6 no quadrado branco das figuras de acordo com a ordem apresentada no guião de trabalho.

GRUPO 2 - Curiosidades sobre a alimentação



Curiosidades sobre a alimentação

Guião para realizar trabalho.

Lê e dá a conhecer aos teus colegas de forma resumida 1 ou 2 das situações que desconhecias após a leitura, que achas que lhes pode interessar. Regista a (s) no final da página.

1. O PÃO ENGORDA?

É falso dizer que o pão engorda e que quem está a fazer dieta não o deve comer. Este alimento fornece cerca de 250 kcal/100 g e, como qualquer alimento, deve ser comido com moderação. O grande problema não é o pão por si só, mas sim o que lhe juntamos. Para se ter uma ideia... 10g de manteiga têm aproximadamente 90 kcal. Também não é verdade que o pão integral engorde menos que o pão branco, pois fornece sensivelmente as mesmas calorias. Mas o pão integral (ou mistura, centeio, 7 cereais) é nutricionalmente mais rico do que o pão branco, fornecendo vitaminas, minerais e fibra alimentar que, conforme referido, são nutrientes fundamentais na nossa alimentação.

2. SEM CARNE NÃO TEMOS VITALIDADE?

É um erro comum dizer que é preciso ingerir muita carne, de preferência um bife, para se ter energia. Teresa Branco diz que “é necessário ingerir carne, mas não é através de uma ingestão em demasia que eu vou ter mais energia disponível. Esta ingestão em demasia só servirá para armazenar uma grande quantidade de gordura saturada”. Já Francisco Varatojo lembra que os macrobióticos têm vitalidade sem comerem carne e que vão buscar as proteínas e outros nutrientes às leguminosas como o feijão e o grão, por exemplo.

3. OS PRODUTOS LIGHT FAZEM EMAGRECER?

Alexandra Bento desmistifica esta ideia. Apesar de “teoricamente terem menos calorias do que os produtos não ‘light’, não quer dizer que se possa comer a quantidade que se deseja sem engordar”. E chama a atenção para a necessidade de estarmos atentos aos rótulos dos alimentos: “Muitas vezes, os fabricantes retiram a gordura, mas substituem-na por outros ingredientes que podem apresentar calorias e por isso o valor energético do produto final pode não ser muito inferior ao do produto convencional.”

4. AS BANANAS ENGORDAM?

Uma banana pequena tem as mesmas calorias que uma maçã ou uma laranja, Não há fruta que engorde mais do que a outra, só é preciso ter em atenção as quantidades. Na fruta,

transformada em sumo, a vitamina C degrada-se e os açúcares naturais (frutose) são consumidos de forma mais concentrada e provocam mais cáries dentárias.

5. A ÁGUA ÀS REFEIÇÕES ENGORDA?

Diz-se que não se deve beber água às refeições ou durante os esforços físicos, mas é um mito. Sem o nutriente água, não existe uma boa hidratação e nada funciona. No entanto, como refere Francisco Varatojo, também não faz sentido nenhum dizer que para sermos saudáveis precisamos de beber três litros de água por dia. E a água da torneira é mais equilibrada em minerais essenciais para a saúde que a mineral engarrafada.

6. PEIXE NÃO PUXA CARROÇA?

É falso dizer que o peixe não alimenta. Segundo Alexandra Bento, “o peixe é mais facilmente digerido do que a carne e uma fonte de proteínas de elevada qualidade”, tendo um teor de gordura mais reduzido. Além disso, acrescenta: “As gorduras do peixe são mais saudáveis. O peixe gordo, como a sardinha, o salmão, o arenque, apresenta ómega 3, ácidos gordos que parecem apresentar muitos benefícios para a saúde.” Uma das formas de atrasar a digestão do peixe, é acompanhar a refeição com outros alimentos de digestão mais demorada, nomeadamente vegetais folhosos, como as couves e leguminosas como ervilhas, feijão, grão-de-bico, lentilhas...

7. O AZEITE É UMA GORDURA SAUDÁVEL E POR ISSO ENGORDA MENOS?

O azeite, apesar de ser uma gordura saudável, engorda tanto quanto as outras gorduras. Cada 100 g de azeite fornece-nos 900 kcal. Por isso o azeite deve ser utilizado com conta, peso e medida. Mas que se prefira azeite a outras gorduras saturadas como os óleos. É que o azeite tem outras vantagens nutricionais, já que é rico em antioxidantes, diminui os níveis de colesterol e contribui para a diminuição do risco de doença cardiovascular e determinados tipos de cancro.

8. HÁ ALIMENTOS BONS E ALIMENTOS MAUS?

“Do ponto de vista da nutrição, não há alimentos bons, nem alimentos maus”, sublinha Alexandra Bento. Qualquer alimento pode fazer parte de uma alimentação equilibrada e por isso o conselho para se ter uma alimentação saudável é variar o mais possível. Mesmo os alimentos ricos em gorduras ou em açúcar, que são apontados como pouco saudáveis, não devem ser banidos da alimentação de uma pessoa saudável, mas ingeridos com conta, peso e medida.

GRUPO 3 - Provérbios

a) Guião



Provérbios

Guião para realizar trabalho.

- Junta as duas partes dos cartões até ficares com o provérbio correto.
- Depois preenche os espaços, e com uma leitura atenta fica a saber o seu significado.

1. O provérbio “Casa onde não há pão, _____” significa, essencialmente, que «em casa onde não há comida, todos ralham, todos se zangam uns com os outros, mas não têm razão, visto que, na verdade, a falta de alimentos é a verdadeira causa de todos os males». Por extensão de sentido, também pode querer dizer que «numa casa, numa região ou num país onde falta o dinheiro, onde o nível de vida se degrada, onde faltam as mais elementares condições que permitam um mínimo de dignidade às pessoas, toda a gente ralha, ninguém se entende, mas a todos eles falta a razão, provavelmente porque são também culpados dessa situação ou, então, ninguém é responsável (sempre que isso é devido a catástrofes naturais, por exemplo)».

2. Ditado popular que se refere quando alguém pega em muitas coisas para comer e não consegue comer tudo aquilo que pegou, que é “_____ que barriga”. Este provérbio quer dizer-nos que não devemos comer muito à noite, em particular perto da hora de dormir. A ingestão de alguns alimentos deve ser evitada no período nocturno, especialmente se eles forem gordurosos ou ricos em proteínas.

3. A expressão “Grão a grão, _____” quer dizer que pouco a pouco, com paciência, podemos conseguir bens e riquezas em grande quantidade, ou seja, até ficarmos de «papo cheio». Significa ainda que, por exemplo, se todos os dias guardarmos um cêntimo, quando chegarmos à idade da reforma, teremos muitos cêntimos que nos permitem encararmos o resto das nossas vidas sem grandes preocupações.

4. “Trabucar” é trabalhar. E “manducare”, em latim, é comer com as mãos – num tempo em que não se usavam talheres. Ou seja, quem não trabalha não come. E o provérbio é: “ Quem não trabuca_____”.

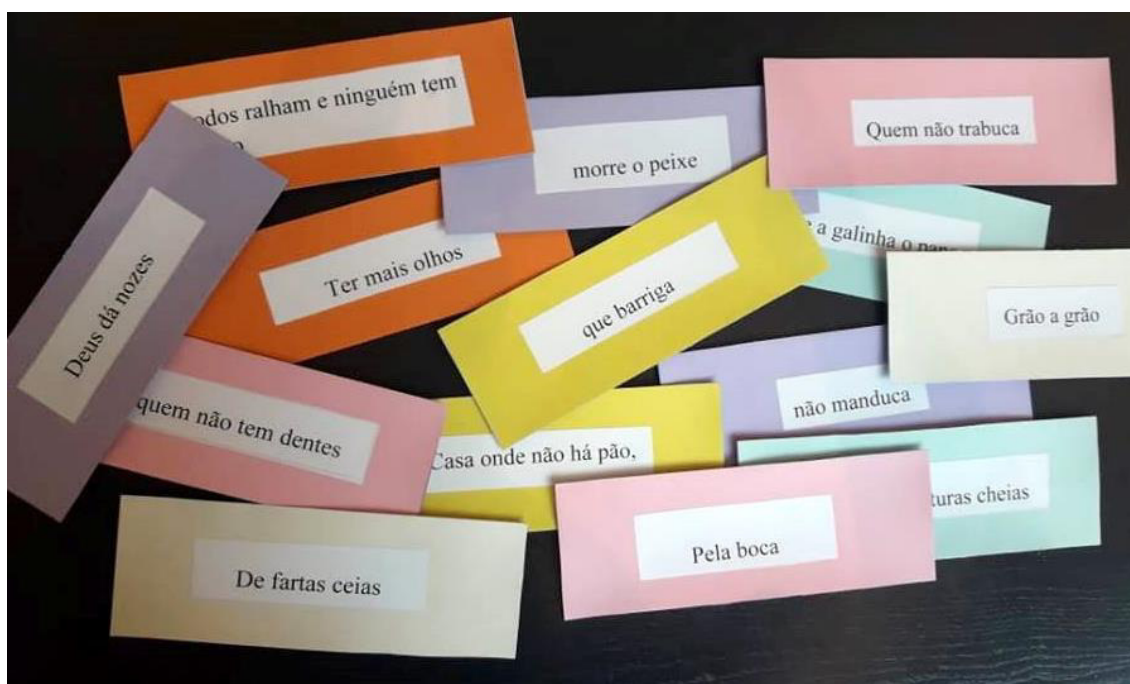
5. A expressão “Pela boca _____” significa que «é perigoso falar demasiado». Significa que se deve ter cuidado com as palavras que se dizem.

Esta expressão significa que muitas vezes há oportunidades para certas pessoas, mas estas não sabem (ou não podem) aproveitá-las, mesmo que estejam aptas para tal.

- Concluiu aplicando 1 ou 2 destes provérbios numa conversa criada por ti.

- Regista as respostas solicitadas na folha deixada pela professora.

b) Partes de provérbios para ligar correctamente:



GRUPO 4 - Puzzle Carmen Miranda

a) Guião



Breve história de Carmen Miranda

Maria do Carmo Miranda da Cunha GOIH , nasceu em Marco de Canaveses a 9 de fevereiro de 1909 . Mais conhecida como Carmen Miranda, foi uma cantora e atriz luso-brasileira. A sua carreira artística foi entre o Brasil e Estados Unidos entre as décadas de 1930 e 1950. Trabalhou no rádio, no teatro de revista, no cinema e na televisão. Chegando a receber o maior salário até então pago a uma mulher nos Estados Unidos. Muito "avançada" para o seu tempo, Carmen Miranda - cuja imagem ficou para sempre associada aos penduricalhos ao pescoço e às frutas tropicais que lhe ornamentavam a cabeça - é considerada a pioneira do tropicalismo, movimento cultural brasileiro dos anos de 1960.

Guião para realizar o trabalho:

- Elabora o puzzle apresentado.

- Cria uma pequena história. Imagina que foste fazer uma viagem ao Brasil, e numa das saídas com os teus pais, encontras-te uma senhora que se fazia passar pela Carmen de Miranda (sim, porque já faleceu) a fazer um pequeno espetáculo. No final pudeste fazer-lhe uma pequena entrevista (onde as respostas se encontram no texto acima).

Conta a história aos teus colegas. Os dados referentes a Carmen Miranda devem ser verdadeiros, sendo que o resto da história pode ser imaginada.

Regista a tua história na folha deixada pela professora.

b) Puzzle da Carmen Miranda



GRUPO 5 - Pintura “o cesto das maçãs” de Cézanne

a) Guião



cesto das maçãs” de Cézanne

Guião para realizar trabalho (final da página)

Constroi o puzzle.

Lê o texto abaixo e depois responde conforme o guião de trabalho te indica.

Paul Cézanne nasceu em 19 de Janeiro de 1839, no sul da França, na Provença, região procurada por muitos pintores e artistas pela luminosidade esplêndida e suave que fez e faz a delícia de quem por lá anda.

Sua cidade natal é a bela Aix-en-Provence, cuja natureza certamente influenciou seu bom gosto. Como uma das maiores figuras dos movimentos Impressionista e Pós-impressionista, Cézanne exerceu enorme influência na Arte Moderna.

A Provença foi sempre sua inesgotável fonte de inspiração e de ânimo na luta para conseguir dominar a arte que queria exercer em toda sua plenitude. Outros artistas pintaram essa região, mas foi Cézanne quem a transformou num lugar essencialmente dele.

Desde o início de sua carreira, Cézanne se interessou por naturezas-mortas. As que ele pintou entre 1895 e 1899, nas quais vemos lindas maçãs, laranjas ou peras, ora com belas cortinas, ora com cestas.

O Cesto das maçãs é uma das suas pinturas (apresentada no puzzle)

Lembram as pinturas flamengas do século XVII. O efeito conseguido por Cézanne, a plasticidade de sua linguagem artística, dá novo fôlego a esse tema. São quadros que combinam modernidade e beleza grandiosa.

O que é curioso é que para Cézanne a natureza morta é um tema como outro qualquer, equivalente ao corpo humano ou a uma paisagem, mas que se prestava especialmente bem às suas pesquisas sobre espaço, geometria dos volumes, correspondência entre cores e formas.

b) Puzzle “o cesto das maçãs”



GRUPO 6 - Dieta Mediterrânea

a) Guião



Dieta mediterrânea

Guião para realizar trabalho.

- Lê o texto.

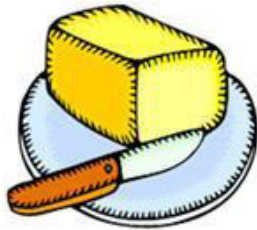
“A alimentação mediterrânea assenta no consumo diário abundante em hortaliças, fruta e leguminosas, numa grande quantidade de alimentos fornecedores de amido e no azeite, como gordura alimentar. A primazia do peixe sobre a carne, a utilização de ervas aromáticas e a substituição do sal pelo alho também a caracterizam. Esta dieta alimentar é considerada, pela medicina, bastante saudável.”

Faz o quebra cabeças de acordo com as imagens, e enumera abaixo os alimentos que pertencem e os que não pertencem à dieta mediterrânea.

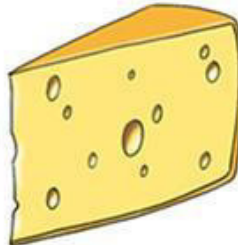
Alimentos que pertencem à dieta mediterrânea- consumo diário	Alimentos que não pertencem à dieta mediterrânea

Regista as tuas respostas na folha deixada pela professora.

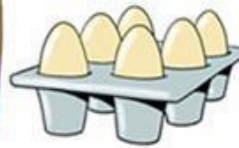
Os Alimentos



a manteiga



o queijo



os ovos



o leite



o iogurte



o peixe



a carne



a farinha



a água



o açúcar



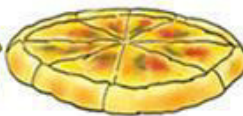
a salada



o azeite



o hambúrguer



a piza



a sopa



o bolo



o sumo



a limonada



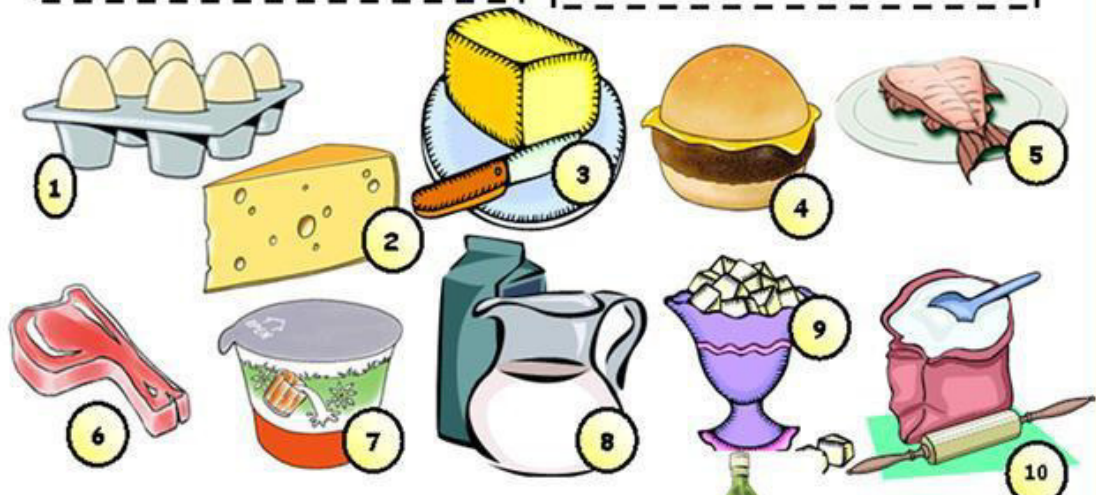
o gelado



o chá

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
7. _____
8. _____
9. _____
10. _____

11. _____
12. _____
13. _____
14. _____
15. _____
16. _____
17. _____
18. _____
19. _____
20. _____



I M N Á G U A
 Q U E I J O E
 H C H Á E A T
 S R R V D E R
 X D P A X K U
 K U L I A U G
 R A E P Z G O
 S P O S U A I O L O B V A F
 P S H A M B Ú R G U E R Z A
 L E S V E I K S U M O K E R
 O D N T L R A C U Ç A C I I
 O V I R N O D A L E G I T N
 P E O M A N T E I G A U E H
 L Q N S P C L I M O N A D A



GRUPO 7 - Acerca da música “Amor de água fresca”

a) Guião



Acerca da música: “Amor de água fresca”

Dina nasceu a 18 de Junho de 1956, em Carregal do Sal, distrito de Viseu.

É na terra natal que descobre os primeiros acordes. Durante a sua adolescência participa em algumas peças de teatro, no colégio que frequenta, mas descobre que é na música que se projecta. Faz então as suas primeiras composições e em 1975 entra para a formação do grupo Quinteto Angola onde, com sucesso e alguma originalidade, dá voz às suas canções.

Torna-se conhecida do grande público em 7 de Março de 1980, no XVII Festival RTP da Canção, quando apresenta o tema de sua autoria "Guardado em Mim" (com poema de Eduardo Nobre). Acaba por arrebatar o Prémio Revelação e fica no 8.º lugar.

Entre outros trabalhos, em 1992 vence o Festival RTP da Canção, com "Amor de Água Fresca" (poema de Rosa Lobato Faria), mas consegue apenas o 17.º lugar na Eurovisão (Suécia).

Guião para realizar trabalho:

Vais apresentar a música que ganhou o festival da canção da RTP em 1992.

- Quem canta a canção?
- A canção Amor de água fresca fala de um amor, uma amizade?
- Ela exprime os sentimentos/desejo associados a frutas, em que medida?
- Associa o amor à água, como o caracteriza?
- Regista as tuas respostas na folha deixada pela professora.

b) Música - Amor de água fresca

Quando eu vi olhos de ameixa e a boca de amora silvestre
Tanto mel, tanto sol, nessa tua madeixa, perfil sumarento e agreste
Foi a certeza que eras tu, o meu doce de uva
E nós sobre a mesa, o amor de morango e cajú
Peguei, trinquiei e meti-te na cesta, ris e dá-s-me a volta à cabeça
Vem cá tenho sede, quero o teu amor d'água fresca

Peguei, trinquiei e meti-te na cesta, ris e dá-s-me a volta à cabeça
Vem cá tenho sede, quero o teu amor d'água fresca, ohoh...
Tens na pele travo a laranja e no beijo três gomos de riso
Tanto mel, tanto sol, fruta, sumo, água fresca, provei e perdi o juízo
Foi na manhã acesa em ti, abacate, abrunho
E a pêra francesa, romã, framboesa, kiwi
Peguei, trinquiei e meti-te na cesta, ris e dá-s-me a volta à cabeça
Vem cá tenho sede, quero o teu amor d'água fresca
Peguei, trinquiei e meti-te na cesta, ris e dá-s-me a volta à cabeça
Vem... vem... vem cá, tenho sede, quero o teu amor d'água fresca
Ah... foi na manhã acesa em ti, abacate, abrunho
E a pêra francesa, romã, framboesa, kiwi
Peguei, trinquiei e meti-te na cesta, ris e dá-s-me a volta à cabeça
Vem cá, tenho sede, quero o teu amor d'água fresca
Peguei, trinquiei e meti-te na cesta, ris e dá-s-me a volta à cabeça
Vem cá, tenho sede, quero o teu amor d'água fresca
Peguei, trinquiei e meti-te na cesta

Recurso Didático 4

Neste recurso pode visualizar-se o Powerpoint utilizado na aula n.º 2.

Se mais **sábio** queres ser
vais ter de **responder**



Introdução

Pergunta 1



Pergunta 2



Pergunta 3



Pergunta 4



Pergunta 5



Introdução

A – ...uma dádiva de Deus colocada à disposição dos seres vivos de forma a assegurar a sua subsistência.

B – ...algo que tinham de comprar para se alimentarem.

C – ...eram uma preocupação que fazia parte da sua dieta alimentar.

D – ...eram apenas um elemento de troca direta.



Significado simbólico-religioso do alimento e da refeição



- Para os **autores do antigo testamento**, alguns alimentos são próprios para o consumo humano, outros impróprios. **O seu consumo é regulado por normas.**
- **Deus** criou os alimentos para que **todos** tenham acesso a eles.
- De acordo com a Bíblia, os bens alimentares e as refeições assumem um importante destaque na vida do povo e na sua relação com Deus.
- A **abundância de alimento** é sinal de **bênção divina**.

Perguntas

Pergunta sobre o Pão

A- Uma nova variedade de pão criada na altura

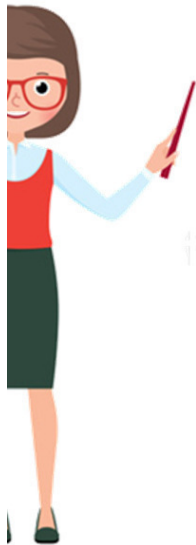
B - Representava o pão azedo

C - Era um pão sem fermento e representava as privações do povo hebreu escravizado no Egito

D - Tratava-se de um pão tipo broa que comiam com presunto



Pão



- O **pão** (léhem) é o **símbolo do alimento essencial**.
- No antigo testamento o **pão ázimo** era um **pão sem fermento** e representava as privações do povo hebreu escravizado no Egito.
- Jesus ensinou os discípulos a rezar o **Pai Nosso**, no início da 2.ª parte, esta oração faz referência ao pão cotidiano, símbolo do alimento diário necessário à sobrevivência de cada pessoa: “o pão nosso de cada dia nos dai hoje...”

Perguntas

Pergunta sobre o Azeite

A- Ungir os reis, os profetas e sacerdotes de Israel, que significava a bênção de Deus para o exercício de uma missão importante.

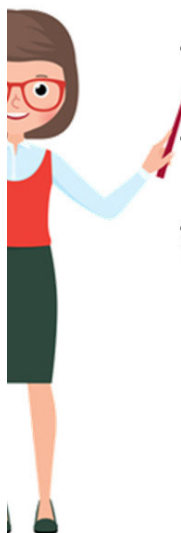
B- hidratar a pele dos bebês.

C- usar nas fechaduras das portas quando a chave não rodava bem.

D- trocas comerciais.



Azeite



- Simboliza a **alegria**, a **fraternidade**, a **riqueza** e a **abundância**.
- Servia para **curar feridas**, para **temperar alimentos** e para **iluminar**.
- Nas celebrações cristãs, o azeite está presente nos sacramentos do **batismo**, na **confirmação** ou **crisma**, no sacramento da **ordem (sacerdotes)** e no sacramento da **unção dos enfermos**.

Perguntas

Pergunta sobre o Vinho

A - A uma bebida alcoólica que quando consumida em excesso leva a uma doença grave no fígado (cirrose).

B - Líquido de cor escura que também serve para tingir (colorir) a roupa.

C - O vinho é frequentemente associado ao sangue, e simboliza a alegria.

D - O vinho é associado a alegria e motivo de festa.



Vinho



- O vinho é associado ao **sangue**;
- Na tradição bíblica simboliza a **alegria**;
No evangelho de S. João, é um dos elementos principais, a par com o pão, da celebração eucarística;
- Na simbologia bíblica, a **videira**, tal como a oliveira, e a **vinha** tal como o vinho representavam a vinda do **Reino de Deus**.

Perguntas

Pergunta sobre a Água

A - O mar como elemento do planeta.

B - A água viva e perigosa dos nossas praias.

C - Significa que 75% do nosso corpo é feito de água.

D - Simboliza habitualmente a purificação da pessoa e a admissão num determinado grupo.



Água



- Importância no nosso **dia a dia** (higiene, beber, limpeza de casas, e rega de jardim);
- Muitas vezes referida na **Bíblia**, que como sabes é o livro sagrado do Judaísmo e do Cristianismo.
- Simboliza a **purificação** da pessoa e a sua entrada num determinado grupo.
- No **batismo** é usada como sinal fundamental.

Perguntas

Pergunta sobre o Cordeiro

A – um animal de estimação que deviam cuidar.

B – um animal de pasto que também era conhecido por “cordeiro sapador”.

C – o próprio Jesus.

D – apenas um elemento de subsistência.



Cordeiro



- É o **símbolo mais antigo** da Páscoa;
- É o **símbolo da aliança** feita entre Deus e o povo judeu na páscoa da antiga lei (libertação da escravidão do Egipto, celebravam assim a libertação e aliança com Deus).
- Para os cristãos, é muito importante porque **simboliza o próprio Jesus**, que foi sacrificado na cruz pelos nossos pecados.

Perguntas

Recurso Didático 5

Neste recurso podem visualizar-se as imagens utilizadas na aula n.º 3.





Recurso Didático 6

Neste recurso pode visualizar-se o PowerPoint da aula n.º 3.

O que nos sugerem estas imagens? (partilha)



A fome e a injusta distribuição de bens



A fome



- A Declaração dos Direitos Humanos (art.º 25) reconhece o direito de todos a um nível de vida que assegure o acesso aos bens alimentares essenciais. O direito à alimentação é um direito inalienável (que ninguém lhes pode retirar) de todos os seres humanos que deriva do direito à vida.
- Sabendo que há recursos alimentares suficientes para responder às necessidades de todas as pessoas, a restrição do acesso à alimentação, a pobreza e a subnutrição são uma calamidade sem qualquer justificação.
- Contudo aquilo que deveria ser um direito de todos, nem sempre o é devido a diferentes fatores, mas sobretudo porque a ganância se sobrepõe ao direito das pessoas

A falta e desperdício de comida



- O dia mundial da alimentação é celebrado, desde 1981 a 16 de Outubro, e tem como objetivo consciencializar a opinião pública sobre as questões da alimentação e da nutrição (falta/desperdício e indiferença...).



As Causas da fome



A fome tem causas que dependem da **responsabilidade humana** e tem **causas naturais**

Causas naturais	Causas que dependem da responsabilidade humana
Grandes inundações	Guerras entre as populações
	Conflitos armados
Terramotos	Desertificação
	Egoísmo e ambição
Seca	Trabalho mal remunerado
	Precariedade laboral

A pobreza e a injusta distribuição de bens



- Verifica-se uma desigual distribuição de riquezas que coloca em contraste pessoas muito ricas, e pessoas muito pobres que não têm o indispensável para a sua sobrevivência;
- Estas desigualdades sociais levam a que muitas pessoas não consigam ter acesso à alimentação, à educação, à saúde e à alimentação, pondo em causa a dignidade humana.



A pobreza e injusta distribuição de bens



- Só uma distribuição justa e equilibrada poderia acabar com a pobreza e dar a cada um os bens essenciais a que tem direito.
- A pobreza é uma manifestação do mal provocado pelo egoísmo da própria humanidade.

Contrastes

Desperdício de comida



SÃO JOGADAS FORA POR ANO NO MUNDO
SEGUNDO A FAO 2015



Recurso Didático 7

Neste Recurso pode visualizar-se o *link* de um pequeno vídeo com uma experiência que mostra a atitude de partilha com crianças.

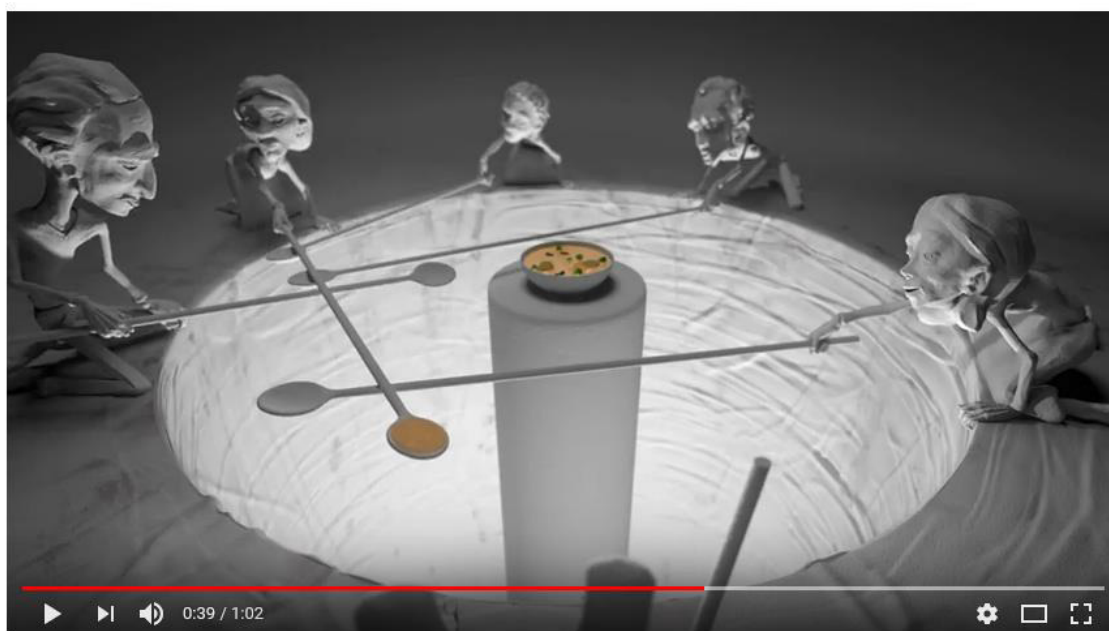


CRIANÇAS E O TESTE DA PARTILHA (DIVIDIR DOCE)

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=Y-Vy-bT4LcM>

Recurso Didático 8

Neste Recurso pode visualizar-se o *link* do vídeo “One human family, food for all”.



One Human Family, Food for All

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=qhU5JEd-XRo>

Recurso Didático 9

Neste Recurso podem ver-se os guiões para a Realização do trabalho de grupo.

GRUPO 1 – Banco Alimentar Contra a Fome



O primeiro banco alimentar contra a fome foi aberto em 1966, nos Estados Unidos da América na cidade de Phoenix no Estado do Arizona.

A ideia chegou à Europa em 1984. Em Portugal, o primeiro banco alimentar contra a fome foi aberto em 1992, na cidade de Lisboa.

Aproveitar onde sobra para distribuir onde falta. É este o nosso objetivo: evitar o desperdício de alimentos fazendo-os chegar às pessoas que têm fome. O Banco Alimentar recebe toda a qualidade de géneros alimentares, ofertas de empresas e particulares, em muitos casos excedentes de produção da indústria agroalimentar, excedentes agrícolas, da grande distribuição e ainda, produtos de intervenção da União Europeia.

São recolhidos localmente e a nível nacional, no estrito respeito pelas normas de higiene e de segurança alimentar.

A estas dádivas, acrescentam-se os produtos oferecidos por particulares, nas campanhas de recolha efectuadas nas superfícies comerciais.

Lutar contra o desperdício, recuperando excedentes alimentares, para os levar a quem tem carências alimentares, mobilizando pessoas e empresas, que a título voluntário, se associam a esta causa.

Um mundo, no qual todos os Homens, tenham garantido o direito à alimentação.

A Dádiva e a Partilha.

A Dádiva e a Partilha definem o espírito que norteia todas as relações que se vão estabelecer entre os diferentes intervenientes e parceiros dos Bancos Alimentares.

Estes valores devem refletir-se no funcionamento do dia a dia e guiar a ação. A dimensão humana, naquilo que possui de mais nobre, é assim sempre posta em destaque. O que preside não é o interesse comercial, mas o serviço do Homem pobre, que se encontra numa situação de necessidade, que sofre de privações e de fome.

GRUPO 2 – FAO



FAO

A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), é uma organização intergovernamental que conta com 194 Estados Membros, dois membros associados e uma organização membro, a União Europeia. A sede da FAO fica em Roma, Itália. A FAO foi fundada a 16 de outubro de 1945. Durante o encontro mundial da alimentação em Roma, de 13 a 17 de Novembro de 1996, aprovou a Declaração de Roma, que visa a diminuição da fome no mundo. Esta declaração contou com o apoio de 126 países-membros e afirma o direito de todas as pessoas a uma alimento seguro e nutritivo.

Alcançar a segurança alimentar para todos e garantir que as pessoas tenham acesso a alimentos de boa qualidade para que possam levar uma vida ativa e saudável é a essência das atividades da FAO.

Os nossos três objetivos principais são: erradicar a fome, a insegurança alimentar e a desnutrição; erradicar a pobreza e fomentar o progresso económico e social para todos; bem como gerir e utilizar de forma sustentável os recursos naturais, incluindo a terra, a água, o ar, o clima e os recursos genéticos, em benefício das gerações presentes e futuras.

A FAO identificou as principais áreas em que está melhor posicionada para responder às necessidades colocados pelas tendências globais no desenvolvimento agrícola e aos desafios enfrentados pelos seus Estados membros. Após uma análise minuciosa das vantagens comparativas da Organização, foram estabelecidos os objetivos estratégicos, que representam as principais áreas de trabalho em que a FAO irá concentrar os seus esforços para alcançar a sua visão e objetivos globais.

A FAO organiza programas para o aperfeiçoamento e eficiência da produção agrícola e criação de gado, aplicando as novas tecnologias nos países em vias de desenvolvimento. No combate à fome, fomenta a preservação dos recursos naturais, estimulando o desenvolvimento da regulação da pesca, a piscicultura o investimento nas fontes de energias renováveis.

O Escritório da FAO em Lisboa, Portugal, foi estabelecido em outubro de 2009 com o objetivo de promover a visibilidade e criar relações mais fortes entre a FAO e os principais parceiros, disseminar e trocar informação e conhecimento e familiarizar a opinião pública com o trabalho da FAO, sensibilizando-a para a questão da fome. A Igreja Católica inspirada no evangelho, está empenhada na luta contra a fome. A Santa Sé participa na ONU e nas assembleias gerais da FAO como observadora, o que lhe permite denunciar a pobreza e contribuir para desbloquear situações em que se impõe a procura de entendimentos entre os diferentes países e a defesa dos mais pobres.

GRUPO 3 – Fundação Fé e Cooperação



Fundação Fé e Cooperação

A FEC – Fundação Fé e Cooperação foi criada pela Conferência Episcopal Portuguesa, pela Confederação Nacional dos Institutos Religiosos e pela Federação Nacional dos Institutos Religiosos Femininos no contexto das celebrações dos cinco séculos de ação missionária da Igreja Católica em Portugal, decorridas entre 1990 e 2000, no âmbito do encontro e reencontro dos povos da lusofonia e do seu relacionamento, fruto de uma história comum e da contínua e profunda acção desenvolvida pelos missionários ao longo de décadas junto das populações dos países lusófonos.

Numa primeira fase, a FEC esteve ligada às celebrações comemorativas, mas à medida que a década das Comemorações se aproximou do fim, a FEC assumiu a continuação desse relacionamento entre comunidades e Igrejas, através de actividades e projectos de desenvolvimento nos países de expressão portuguesa.

A missão da FEC é a de promover o desenvolvimento humano integral através da cooperação e solidariedade entre pessoas, comunidades e Igrejas, inspirados pelo Evangelho e pela Doutrina Social da Igreja Católica.

A nossa MISSÃO é promover o desenvolvimento humano integral através da cooperação e solidariedade entre pessoas, comunidades, organizações e Igrejas, inspirados pelo Evangelho e pela Doutrina Social da Igreja Católica.

A nossa Missão alicerça, estrutura e fundamenta o trabalho que realizamos no quotidiano, juntamente com os nossos parceiros. Face a um número crescente de solicitações nas mais variadas áreas e o surgimento de múltiplas oportunidades em vários campos, queremos que a nossa missão seja instrumento de discernimento e de tomada decisão. O fundamento e razão de ser de cada projecto ou iniciativa serão, em última análise, a missão da FEC.

A nossa VISÃO consiste em Construir uma nova humanidade onde cada pessoa possa viver com dignidade e justiça.

Ancorados em valores e princípios sólidos e trabalhando em parceria, em diversos setores e países, apostamos em projetos sustentáveis, com impacto e resultados transformadores junto das populações.

O nosso trabalho é guiados pelos seguintes valores:

Dignidade – Acreditamos na dignidade intrínseca de cada pessoa independentemente do género, origem étnica, credo religioso, político ou estatuto social

Justiça Social – Acreditamos na partilha dos bens e recursos e que cada pessoa deve ter as suas necessidades básicas asseguradas

Subsidiariedade e Participação – Acreditamos que cada pessoa deve ser protagonista de mudança

Solidariedade Global e Cidadania – Acreditamos que é necessária uma crescente corresponsabilidade entre cidadãos, que se traduza em solidariedade, mobilização social e em estilos de vida sustentáveis

Orientamos a nossa ação pelos seguintes princípios:

Parcerias e redes – Acreditamos que só um trabalho conjunto de parceria e em rede se podem percorrer caminhos de desenvolvimento sustentável

Sustentabilidade – Acreditamos que a responsabilidade ambiental, social e económica são indispensáveis para assegurar um futuro comum

Profissionalismo e Transparência – Acreditamos que estar ao serviço dos mais vulneráveis exige profissionalismo e transparência.

Como implementa a FEC a sua missão?

Enquanto organismo da Igreja Católica em Portugal, a FEC realiza a sua missão operando como uma ampla rede de diálogo, mobilização, cooperação e sensibilização entre pessoas, comunidades e Igrejas – em particular dos países lusófonos – através de duas áreas de actuação:

Cooperação para o Desenvolvimento

Educação para o Desenvolvimento & Advocacia Social

GRUPO 4 – Liga Nacional Contra a Fome

Liga Nacional contra a fome

A LNCF é uma Instituição Particular de Solidariedade Social fundada em 1996.

Esta Instituição tem como fins a promoção de atividades de carácter social e humanitário nomeadamente apoio a idosos, toxicodependentes, luta contra a fome e a pobreza e a desprotegidos em geral, bem como a criação de centros de acolhimento e apoio social.

Desde o início que humildemente tentamos fazer a diferença trabalhando para minimizar as carências alimentares e cuidados básicos de crianças e a desprotegidos em geral, altamente fragilizados, colaborando com outras instituições, algumas de indole estatal.

A LNCF é uma Instituição Particular de Solidariedade Social de utilidade pública, fundada em 1996 pelo Exmo. Sr. Gaspar Vieira Pereira Pessoa, atual Presidente.

O primeiro grande projeto desta instituição foi o Apoio Alimentar direcionado a crianças carenciadas.

No ano de 2004 iniciamos um novo projeto, designado "A Semente", o qual visa apoiar um maior número de famílias carenciadas.

No ano 2005 foi criado um Refeitório Social onde se confeccionam refeições gratuitas para utentes com fracos recursos económicos e com carências alimentares.

No ano de 2006 demos início ao Programa de Apoio Alimentar ao Domicilio, o qual designamos de PAAD.

No ano de 2007 abrimos uma delegação na cidade de Coimbra onde estamos a fazer distribuição de cabazes mensais a famílias carenciadas.

A Semente

Em 2004, deu-se início ao projeto designado "A Semente". Este tem como objetivo primordial ajudar a combater a fome a famílias da zona limítrofe da Sede, para tal é explorada uma padaria onde é fabricado pão e que, em conjunto com leite adquirido, são distribuídos diariamente aos utentes. Além da distribuição destes bens, sempre que nos é possível fazemos a distribuição de outros géneros, bem como de vestuário e calçado.

A Administração desta Instituição não poderia ficar alheia a esta realidade e, como tal, o novo programa "A Semente" deu prioridade aos habitantes das freguesias já apoiadas, não ignorando também o auxílio, quando solicitado, por alguém oriundo de outras áreas residenciais. Neste programa são integradas famílias carenciadas e que sofrem de enormes desigualdades sociais, deslocando-se à Sede para levarem a ajuda que lhes foi atribuída.

Programa de Apoio Alimentar ao Domicílio

No ano de 2006 demos início ao Programa de Apoio Alimentar ao Domicilio - PAAD.

O PAAD é uma resposta social que consiste na prestação de cuidados individualizados e personalizados ao domicílio a utentes e familiares que não conseguem assegurar as necessidades básicas (sendo uma delas a alimentação).

O horário do PAAD é estabelecido aquando da visita da Psicóloga da nossa instituição, sendo a entrega das refeições efetuada normalmente entre as 12:00 e as 13:30 horas - caso se justifique será efetuado outro horário a combinar. Outros serviços são realizados de acordo com a disponibilidade do utente e das técnicas especializadas.

Para que se seja possível prestar apoio domiciliário é necessário um encaminhamento por parte de uma Técnica Social, Médico, Familiar ou alguém próximo/significativo do utente. Neste encaminhamento devem constar os dados pessoais, assim como a informação relativa ao estado de saúde, de dependência, cuidados na alimentação, higiene, entre outros.

Após o encaminhamento é averiguada a situação no terreno através da observação direta e preenchida uma grelha de registo por parte da Psicóloga da LNCF. De seguida é elaborando um plano individual com a descrição dos procedimentos a implementar.

Refeitório Social

O Refeitório Social é um espaço criado em Junho de 2005 onde são servidas refeições diárias a utentes encaminhados pelas técnicas do Centro de Saúde, Junta de Freguesia, Segurança Social, CAT'S, Hospitais e outras Instituições de Solidariedade Social.

Diariamente são confeccionadas 80 refeições, 50 das quais são servidas no próprio refeitório e as restantes distribuídas através do programa P.A.A.D. (Programa de Apoio Alimentar ao Domicílio) a utentes carenciados que não se podem deslocar ao nosso refeitório.

Loja Social

Este foi mais um objetivo alcançado pela LNCF.

A Loja Social abriu em Setembro de 2011 e significa mais um apoio para a angariação de fundos que reverterão para esta instituição de cariz humanitário para que assim nos seja possível dar mais e melhores respostas a todos aqueles que apoiamos.

Horta da Liga

A horta da Liga está situada na Foz do Sousa, Gondomar.

Em parceria com o Centro de Emprego de Gondomar, a LNCF conta com a colaboração de pessoas que se encontram a usufruir do Rendimento Social Inserção (RSI), sendo desta forma integrados em projetos de Reinserção Social, ao abrigo do "Contrato Emprego-Inserção +"

A Horta foi criada em Julho de 2010 tendo como objetivo a plantação de alimentos para confeção no Refeitório Social.

Cabazes Mensais

A 10 de Janeiro de 2007 a LNCF abriu uma Delegação na cidade de Coimbra, permitindo um alargamento do Programa de Apoio Alimentar a Nível Nacional, tal como a distribuição de cabazes alimentares por famílias encaminhadas pelas técnicas da Área Social das diferentes entidades de Coimbra. É também realizada a entrega de cheques mensais na mercearia mais próxima da área de residência dos utentes carênciados, com o objetivo de poderem usufruir diariamente de pão e leite.



GRUPO 5 – Re-food

O MOVIMENTO Re-food

Como tudo, Re-food começa com uma ideia.

Ninguém sabe de onde vêm as ideias, mas o contexto pode ser descrito.

Hunter Halder, um ex-patriota americano, a viver em Lisboa, Portugal, viu-se a ficar sem fontes de rendimento, como resultado da crise económica e, em 2009, começou a questionar o que iria fazer sobre isso. Considerou possíveis caminhos de carreira, fazendo uma análise e avaliando o seu contributo global ao longo de seus 59 anos no planeta Terra. A sua auto-avaliação não atingiu um grau aceitável de contribuição para o bem-estar dos outros. Tendo tentado sempre ser bom para os outros e ajudar sempre que possível, não nega o facto de que todos os seus esforços terem sido desenvolvidos para seu próprio benefício.

Em 2010, tomou uma decisão radical: não trabalhar mais para si próprio, mas sim para os outros, para a humanidade. Durante esse ano leu, refletiu e jejuou - então começou a elaborar uma série de projetos humanitários da sua autoria (três relativos aos Jogos Olímpicos e Direitos Humanos e dois relacionados com angariação de fundos numa escala global, para ONGs).

A Re-food é uma organização independente, orientada por cidadãos, 100% voluntária, uma comunidade de caridade eco-humanitária, que trabalha para eliminar o desperdício de alimentos e a fome em cada bairro.

A Re-food opera na e para a comunidade, trabalhando sem salários e evitando todo e qualquer custo ou investimentos que não servem a sua missão.

A Re-food tem um modelo de baixo custo / alta produtividade que melhora a qualidade de vida das pessoas carenciadas, enquanto que reforça o tecido social da comunidade local.

MISSÃO

Eliminar o desperdício de alimentos e a fome, envolvendo toda comunidade numa causa comum.

VISÃO

RE-FOOD aspira a um mundo novo, onde todos têm a comida de que necessitam; onde todos os alimentos produzidos vão primeiramente alimentar pessoas; onde os cidadãos participam ativamente na gestão dos preciosos recursos da comunidade, e onde todo mundo assume o poder, direito e a obrigação de transformar o mundo num lugar melhor.

VALORES

Igualdade: Nós acreditamos que todas as pessoas têm o direito de ser respeitadas e alimentadas.

Respeito: Nós acreditamos em relações humanas positivas, onde todos são respeitados - devemos ser uma força constante e visível da benevolência na comunidade.

Inclusão: Nós acreditamos que todas as pessoas e todos os recursos de cada comunidade são elementos essenciais e que todos devem ser convidados a desenvolver solidariedade comunitária.

Sustentabilidade: Consideramos intimamente o impacto ambiental do nosso trabalho na comunidade, respeitando a disponibilidade e contribuição de todos os envolvidos e procurando a auto-sustentabilidade financeira e transparência a nível local, regional, nacional e internacional.

Otimismo: Acreditamos que, com boa vontade e esforço organizado, é possível acabar com o desperdício de alimentos e a fome no mundo.



Recurso Didático 10


Neste Recurso pode ver-se um exemplo do Passaporte para o jogo do peddy-paper realizado na aula n.º6.

PASSAPORTE

PARABÉNS! Terminaram a vossa viagem 😊

Agora dirijam-se à sala de aula e entreguem este passaporte à professora Lurdes!

Até já.



Educação Moral e Religiosa Católica
Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches

Pergunta 5

Elementos do grupo:

Pista:

Neste local trabalham alguns funcionários da escola, normalmente sentados e tratam da parte administrativa. A pergunta encontra-se lá.

Resposta:

Pergunta 4

Pista:

Esta pergunta encontra-se perto de um local onde podes gravar músicas, ou outros programas de interesse. Não vão gravar mas têm que lá ir procurar a pergunta

Resposta:

Pergunta 1

Pista:

Esta pergunta vão encontrar num local onde se convive e se pode partilhar um lanche. Onde será

Resposta:

Pergunta 2

Pista:

Esta pergunta encontra-se no primeiro local por onde poder entrar para a escola. Vão lá ter

Resposta:

Pergunta 3

Pista:

Esta pergunta encontra-se no meio de muitas letras. Nesse local acolhedor e tranquilo podes pesquisar sobre vários assuntos, porque há muito por onde escolher. Já sabem onde é?

Resposta: